

Departamento de Sociologia

**OS ALUNOS - DE ONDE VÊM, O QUE TRAZEM
E O QUE FAZEM**

O Caso da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa

Sandrina Espiridião de Oliveira

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Educação e Sociedade

Orientadora:
Doutora Teresa Seabra, Professora Auxiliar
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2016

AGRADECIMENTOS

Ao meu companheiro e amigo pela paciência e suporte.

Aos meus pais por me terem apoiado em mais esta jornada.

Às minhas filhas pela falta que lhes fiz e pela ajuda.

À Professora Teresa Seabra pelo tempo e dedicação na elaboração deste trabalho.

Aos Professores e alunos da FBAUL por terem participado neste estudo.

À Ana Maria Gonçalves pelo alento que o seu entusiasmo e força me deram no momento mais difícil.

Às minhas irmãs que me mostraram que conseguiria.

Ao João.

RESUMO

A presente dissertação, realizada no âmbito do Mestrado em Educação e Sociedade, partiu da seguinte questão: Os alunos que beneficiaram de maior carga horária das disciplinas técnico artísticas – provenientes das Escolas Artísticas Especializadas de Artes Visuais, apresentam maior sucesso no 1º ano da universidade, que os alunos que vêm de outras escolas secundárias e profissionais de cursos de Artes Visuais e de outros?

Apresenta uma breve história do ensino das artes visuais em Portugal e um enquadramento teórico focado nas relações entre tempos escolares e aquisição de competências técnico-artísticas e nos estudos acerca dos factores de sucesso no ensino superior. Efectua uma comparação entre a oferta formativa dos Cursos Científico-Humanístico de Artes Visuais e das Escolas Artísticas Especializadas de Artes Visuais.

Como forma de dar resposta à questão de partida, apresenta um estudo de caso realizado na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, que integra entrevistas a professores e inquéritos por questionários a alunos do 1º ano. Os dados foram analisados e cruzados de forma a tentar compreender as correlações existentes entre os resultados dos alunos de 1º ano dos cursos da FBAUL e a sua formação escolar precedente (E.A.E.A.V. ou C.C.H.A.V.) articulando ainda as características sociodemográficas.

Os resultados obtidos neste estudo conduzem à necessidade de outros estudos, por revelarem um conjunto de discrepâncias em relação ao concluído pelos especialistas nacionais e internacionais.

Palavras Chave: Ensino Artístico; Escolas Artísticas Especializadas; Tempos Escolares; Trabalho; Sucesso; FBAUL

ABSTRACT

This dissertation, written within the scope of the Master's Degree in Education and Society, was developed around the following question: do the students that benefited of more schooling time of the technical-artistic subjects – from the Specialized Artistic Schools of Visual Arts -, are more successful in the first year of the University than the students that come from different art schools and curriculums?

It presents a brief history of the education of visual arts in Portugal and a theoretical framework focused on the relationships between learning time and acquisition of technical-artistic skills and the studies regarding success factors in Universities. It draws a comparison between the formative offer of the Scientific- Humanistic Courses of Visual Arts and the Specialized Artistic Schools of Visual Arts.

To answer the initial question, it is presented a case study, carried out in the Faculty of Fine Arts of the University of Lisbon (FBAUL), which integrates interviews to teachers and inquiries to students of the first year. The collected data was analyzed and crossed to understand the relationship between the results of the first year students of FBAUL and their previous scholar paths, articulated with their sociodemographic characteristics.

The results drawn from this case study lead to the necessity of other studies, for it reveals discrepancies in relation with what was concluded by national and international specialists

Key words: Artistic Education; Artistic Specialized Schools; Taught Time; Work; Success; FBAUL

INDÍCE

INTRODUÇÃO.....	1
1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	3
1.1. A Arte e o Ensino das Artes Visuais.....	3
1.2. Tempo, Trabalho e Resultados.....	6
1.3. Sucesso no Ensino Superior.....	8
2. O ENSINO DAS ARTES VISUAIS EM PORTUGAL.....	11
2.1. Breve História do Ensino das Artes Visuais em Portugal.....	11
2.2. O Ensino das Artes Visuais no Curso Científico-Humanístico e nas Escolas Artísticas Especializadas.....	15
3. METODOLOGIA.....	23
4. RESULTADOS E FORMAÇÃO PRECEDENTE EM ALUNOS DO 1º ANO DA FBAUL.....	27
4.1. A experiência dos Professores	27
4.2. Análise Descritiva.....	28
4.3. Relação entre Variáveis.....	31
CONCLUSÃO.....	37
BIBLIOGRAFIA	39

INDÍCE DE QUADROS

Quadro 2.1 – Número de tempos (90 min) por cada disciplina da componente de Formação Geral.....	17
Quadro 2.2 – Número de tempos (90 min) por cada disciplina da Formação Científica no CCHAV.....	17
Quadro 2.3 – Número de tempos 90 min por cada disciplina da componente Técnico-Artística no CCHAV.....	17
Quadro 2.4 – Número de tempos (90min) por cada disciplina da Formação Científica nos cursos das EAEAV.....	18
Quadro 2.5 – Número de tempos (90 min) de cada disciplina da componente Técnico-Artística dos cursos das EAEAV.....	18
Quadro 2.6 – Comparação do número de tempos (90 min) das disciplinas técnico-artísticas no CCHAV e no EAEAV.....	19
Quadro 2.7- Número de alunos matriculados no Ensino Secundário no ano lectivo de 2014/15.....	20
Quadro 2.8 – Número de alunos matriculados no EAEAV, por escolas, no ano lectivo 2014/15, em comparação com o ano lectivo de 2005/06.....	21
Quadro 2.9 – Número de alunos que concluíram o 12º ano no ano lectivo 2014/15...21	
Quadro 3.1 – Comparação entre os alunos matriculados em cursos de Artes Visuais no ano de 2014 e número de alunos da amostra conforme os cursos frequentados na formação precedente.	25
Quadro 4.1 – Caracterização sociodemográfica.....	28
Quadro 4.2 – Formação precedente e situação actual.....	29
Quadro 4.3 – Percentagem de alunos que afirmaram não se sentir preparados às disciplinas de História da Arte, Desenho e Escultura.....	30
Quadro 4.4 – Cruzamento da formação precedente com a auto-avaliação da preparação à disciplina de História da Arte.....	33
Quadro 4.5 – Cruzamento da formação precedente com a auto-avaliação da preparação à disciplina de Desenho.....	33
Quadro 4.6 – Cruzamento da formação precedente com a auto-avaliação da preparação à disciplina de Escultura.....	34
Quadro 4.7 – Cruzamento da escolaridade do grupo familiar com as avaliações superiores a 14,5 valores à disciplina de História da Arte.....	34
Quadro 4.8 – Cruzamento da escolaridade do grupo familiar com as avaliações superiores a 14,5 valores à disciplina de Desenho.....	35

ÍNDICE DE FIGURAS

Fig.3.1 – Modelo de análise.....	25
Fig.4.1 – Dificuldades sentidas pelos alunos.....	30
Fig.4.2 - História Arte vs Formação Precedente.....	31
Fig.4.3 - Desenho vs Formação Precedente.	32
Fig.4.4 - Escultura vs Formação Precedente.....	32

GLOSSÁRIO DE SIGLAS

AA – António Arroio

APECV – Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual

CCHAV – Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais

CEAEV – Curso das Escolas Artísticas Especializadas de Artes Visuais

CNE – Conselho Nacional de Educação

CPQAV – Cursos Profissionais Qualificantes de Artes Visuais

DGE – Direcção Geral da Educação

DGEEC – Direcção-Geral de Estatística da Educação e Ciência

DSEE – Direcção de Serviços de Estatísticas da Educação

FBAUL – Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa

FQA – Física e Química Aplicada

GA - Gestão das Artes

IAI – Instituto das Artes e Imagens

PNRQ – Ponto Nacional de Referência para as Qualificações

SR – Soares dos Reis

TD – Teoria do Design

INTRODUÇÃO

A natureza deste estudo prende-se com a necessidade de conhecimento sobre a realidade portuguesa referente ao ensino das artes, a nível do ensino secundário, e a sua implicação como ensino base e preparatório para a frequência do ensino superior. A existência de duas realidades de algum modo distintas, como o Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais, que visa preparar os alunos para o ingresso no ensino superior e o Ensino Artístico Especializado das Artes Visuais, permitindo a alguns o ingresso no ensino superior e a preparação de outros para a vida activa com cursos de grau 4 que lhes possibilitam o ingresso no mundo do trabalho, assim como a experiência profissional nesses dois “mundos”, levantam algumas questões. Sabendo de antemão as diferenças entre estes dois cursos, e a diminuição sucessiva dos tempos das disciplinas práticas nos currículos do secundário, procura-se desta forma trazer alguma contribuição à discussão acerca da relação entre tempos lectivos e sucesso, explorando a eventual diferença entre os dois tipos de currículo, na preparação para o ingresso e conseqüente sucesso dos alunos no ensino superior. As Escolas Artísticas Especializadas de Artes Visuais apresentam uma carga horária maior que o Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais, em termos das disciplinas de Formação Técnico-Artística.

Tendo o Ensino Formal Artístico como tema base, fomos avaliar o desempenho dos alunos da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa tendo em conta os antecedentes escolares dos alunos que frequentaram o 1º ano dos cursos de licenciatura da FBAUL no ano lectivo de 2014/15. Tenta-se assim dar resposta à questão de partida: Os alunos que beneficiaram de maior carga horária das disciplinas técnico-artísticas – provenientes das EAEAV - apresentam maior sucesso no 1º ano da universidade que os alunos que vêm das escolas secundárias e de escolas profissionais de cursos de Artes Visuais e de outros? Assim, realizaram-se algumas entrevistas a professores do primeiro ano de três disciplinas desse ano curricular - Desenho, Pintura e Escultura e inquiriu-se através de questionários uma amostra dos alunos do primeiro ano de todos os cursos da FBAUL.

Numa primeira fase desta dissertação tenta-se enquadrar a arte e o ensino da arte na nossa sociedade, apresentando-se de seguida os fundamentos teóricos acerca da forma como se relacionam os tempos, o trabalho e o sucesso, após o que se explicará o conceito de sucesso no ensino superior e como tem sido estudado. No ponto seguinte, apresenta-se uma breve história do ensino das Artes Visuais em Portugal, e procede-se à comparação entre os principais pólos de passagem de conhecimento, o Curso Científico Humanístico das Artes Visuais e as Escolas Artísticas Especializadas

de Artes Visuais. Depois da explicitação da metodologia adoptada, apresentam-se os resultados do tratamento e da análise dos dados.

1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1. A Arte e o Ensino das Artes Visuais

A arte nasce como princípio fundamental da base do Ser Humano, algo que é dependente deste e que existe em função do mesmo. No entanto, a arte sempre teve também como função primordial a comunicação, os artistas não produzem os seus trabalhos no vazio, os sujeitos são veículos que actualizam o tecido de ideias e estéticas que os envolvem; a arte é composta por referências e reacções às tradições e convenções, é um diálogo que ocorre no ponto de encontro entre o criador e quem a vê. A arte como um espaço de reinscrição constante.

A arte e a educação artística devem ser defendidas no contexto de uma arte política (preservando as devidas diferenças entre arte e política), reconhecendo a política como um espaço de construção do mundo, com o poder de imaginar o irreal e de abrir espaços onde não existem: é preciso proporcionar a cada indivíduo a possibilidade de realizar todo o seu potencial, curar a fractura entre arte e trabalho, democratizando a arte, integrando-a nas nossas vidas, resolvendo o diferendo de que a arte é um mero elitismo e abrindo as portas do mundo artístico às massas. Só através desta abordagem comunal é que a arte pode ser verdadeiramente nossa. Não algo para ouvir, ler, observar passivamente, mas algo com que sejamos capazes de interagir criticamente, que possa evoluir através da nossa intervenção, sendo moldada e reformulada livremente, exposta a interpretações, reinterpretações e sínteses culturais que não se esgotam na obra “acabada”, revelando o carácter social do indivíduo, expondo os impulsos humanos e a sua natureza comum.

Hoje em dia é já quase um dado adquirido que a educação artística é um dos meios fundamentais para levar até às pessoas as bases estruturais para uma vida saudável em sociedade. É um meio através do qual cresce e frui a imaginação, no qual esta é mais e melhor fomentada, conduzindo a novos níveis de inovação. O mesmo se aplica aos parâmetros do desenvolvimento, da modernização e melhoria do próprio sistema educativo.

São vários os estudos que apontam para a viabilidade do ensino artístico como extremamente proveitoso e que deve ser tido em conta na educação e no ensino regular (Fernandes e outros, 2007), (Silva e outros, 2000). Referindo benefícios, tanto ao nível pessoal como social, que este poderá vir a ter se for fomentado desde o ensino básico. “Recorde-se que a investigação realizada nesta área (...) aponta para fortes relações entre o ensino-aprendizagem das artes e aptidões cognitivas fundamentais subjacentes ao domínio de outros aspectos centrais da educação como ler, escrever e aptidão matemática” (Fernandes e outros, 2007) .

São também vários os valores e níveis de desenvolvimento atribuídos às actividades do sector cultural e criativo, desde a coesão e integração social, à criação de valores sociais e democráticos, ou até o aumento da procura de bens culturais que podem gerar uma “economia baseada no conhecimento” (Vaz, 2013).

Em termos económicos, poder-se-á dizer que esta é uma área em constante desenvolvimento. Segundo os mais diversos indicadores nacionais e internacionais, “uma grande variedade de manifestações artísticas estão a assumir uma importância crescente e decisiva na geração de um conjunto diversificado, e cada vez mais significativo, de actividades económicas geradoras de emprego jovem” (Fernandes e outros, 2007)

A Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei nº46/86, de 14 de Outubro) veio oficializar o papel da arte na formação integral dos jovens afirmando que a educação artística é “parte integrante e imprescindível da formação global e equilibrada da pessoa, independentemente do destino que venha a ter” (Decreto-Lei nº344/90 de 2 de Novembro, Diário da República nº253, Série 1). Ou seja, não serve para formar artistas nem para “aprender a produzir obras de arte, mas sim para formar cidadãos mais conscientes, livres, criativos, autónomos e críticos, despertando na criança em crescimento a vontade de aprender e descobrir (UNESCO, 2006).

A educação artística tem assim como objectivo a utilização da arte como instrumento pedagógico, desenvolvendo nas crianças e jovens um sentido estético e apreciativo, a curiosidade para a procura do conhecimento, facilitando o acesso ao mesmo, ao pôr os alunos em contacto com diversas obras e formas de expressão, e com a vida cultural da sua comunidade e do mundo. Desta forma através da educação artística, é assegurada a transmissão dos valores humanistas, espirituais e estéticos que a arte sempre incorporou (Perdigão, 1981).

A criatividade é a chave para a inovação, para a evolução, e é o principal instrumento da educação artística. A sua necessidade é notória nas consequências da sua falta: sem alunos devidamente preparados a nível criativo, sem qualquer cultura visual ou capacidade de criação ou fruição estética, a capacidade de reinvenção da sociedade e das comunidades ficará estagnada. A educação artística dá aos seus alunos uma capacidade de leitura e análise do mundo que os rodeia, permitindo-lhes um maior desenvolvimento da sua capacidade criativa e de formulação de respostas e de reflexões críticas, o que por sua vez permite uma maior facilidade de resolução de problemas.

Para além da criatividade, a arte trabalha ainda outras dimensões do ser humano, tais como as emoções e a ética. A educação artística ajuda a “encontrar formas de

viver em conjunto, cultivar a identidade individual e fomentar a compreensão mútua (Mbuyamba, 2007).

É necessário reforçar ainda o papel decisivo da área artística na construção da estrutura moral humana, munindo o ser humano de uma sensibilidade estética e moral, não só para com os objectos artísticos, mas para com todo o seu meio envolvente e os seus iguais.

“Não há cultura sem comunidade e não há comunidade sem cultura”, afirma-se no Relatório do Grupo de Trabalho do Ministério da Educação e Ministério da Cultura (Xavier, 2004:6) que prossegue referindo a ideia de Fernando Savater de que não pode ser a escola a “correctora de todos os vícios e insuficiências culturais”. A Lei de Bases do Sistema Educativo define como objectivos da educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário, entre outros, assegurar e aprofundar os elementos fundamentais de uma cultura humanística, artística, científica e tecnológica, desenvolver as capacidades de expressão e comunicação, a criatividade e sensibilidade estética, promover a educação artística, sensibilizar para as diversas formas de expressão estética (Lei nº46/86, de 14 de Outubro). O relatório aponta ainda a menorização do papel das disciplinas artísticas por parte dos intervenientes (professores, alunos e famílias) face a outras disciplinas, essas consideradas verdadeiramente importantes, ao que recomendam o reforço do estatuto das disciplinas artísticas presentes no currículo para assim garantir a formação global do aluno (Xavier, 2004).

Por fim, é necessário esclarecer dois conceitos que, sendo tão diferentes, se encontram intrinsecamente ligados, e que são recorrentemente confundidos: os conceitos de Educação Artística (Educação Artística Genérica) e de Ensino Artístico (Educação Artística Vocacional). A Educação Artística forma o público para uma melhor recepção e compreensão da cultura e dos seus agentes.

“A inclusão da educação artística nos currículos com a mesma importância das outras disciplinas de desenvolvimento cognitivo, acompanhando os indivíduos desde que nascem, é a melhor forma de assegurar uma formação completa dos indivíduos. Se a educação artística não fizer parte das prioridades dos sistemas de ensino actuais corremos o grave risco de termos, de futuro, sociedades muito doentes” (GONÇALVES, 2006).

O Ensino Artístico forma os agentes culturais, que fazem a ponte entre a cultura e o público, servindo tanto de actores e criadores da cultura como de facilitadores ao seu acesso e compreensão (Nunes, 2015).

1.2. Tempo, Trabalho e Resultados

O ditado popular que diz que “A prática leva à perfeição” tem como fundamento, a maior possibilidade de sucesso numa tarefa, quanto maior for o tempo de treino. O ensino das artes documentado aparece no Renascimento com os escritos de Cenninno Cenninni (1370-1440) e Leonardo da Vinci (1452-1519), onde os autores, para além das instruções acerca do que desenhar e como desenhar, insistiam sempre na importância de praticar.

Esse tempo de aprendizagem no ensino das Artes Visuais é essencial para a aquisição das técnicas apropriadas de expressão. Rudolph Arnheim no seu livro *Consideraciones Sobre La Educación Artística* refere “em nenhum nível de desenvolvimento, nem as crianças nem os artistas consagrados conseguem expor, de forma satisfatória para eles, o que querem dizer, a menos que tenham adquirido os meios necessários para o dizer” (Arnheim,1993:70) (tradução pela própria). Como pedagogo das Artes Visuais expõe a necessidade de colocar o ensino das artes ao nível de qualquer outra disciplina quando afirma que “A aquisição de técnicas apropriadas e a insistência na obtenção de resultados aceitáveis são tão necessárias nas artes como em qualquer outra área de estudo” (Arnheim, 1993:58) (tradução pela própria).

No artigo “Quantity Matters”(Smith, 2000) os autores reflectem sobre vários estudos realizados sobre a influência que o tempo de aprendizagem tem no percurso e nos resultados escolares dos alunos. Estudos de Gamoran, 1987; Lee & Smith, 1997, referidos por Smith, realizados com alunos americanos, revelam que alunos com maiores cargas académicas obtêm melhores resultados que colegas com menores cargas. Outros estudos (Smith, 2000) afirmam que as crianças que passam todo o dia no jardim de infância têm maiores níveis de desenvolvimento infantil e melhores resultados no 1º ciclo, especialmente crianças com desvantagens. Todos estes estudos apoiam a teoria de que o aumento do tempo de instrução facilita uma maior exposição ao conhecimento e ao desenvolvimento de capacidades, levando a um maior sucesso. Nos anos 70 e 80 surgiram inúmeros estudos que mostram também uma relação positiva entre o tempo e os resultados (Smith, 2000), embora as conclusões difiram no tamanho e poder desta relação, mostrando desde efeitos modestamente positivos (o tempo de instrução explica 10% da diferença nos resultados dos alunos) até efeitos muito substanciais (até 40%).

Existem muito poucas provas de que o aumento do tempo de instrução leve à diminuição do empenho e interesse dos alunos, havendo inclusivamente investigações que concluíram o contrário: o aumento do tempo de instrução está relacionado com o

crescimento do compromisso e interesse dos alunos, mas o consenso é que os resultados são beneficiados pelo aumento do tempo de aprendizagem (Smith, 2000). O que ressalta em todos estes estudos é a consistência de descobertas positivas, de entre várias perspectivas, medidas e unidade de análise, mas o consenso é que os resultados são beneficiados pelo aumento do tempo de aprendizagem. Assim, os autores de “Quantity Matters” concluem que:

“A atenção dada à qualidade da instrução nas nossas escolas urbanas merece apoio contínuo. Levar a sério o valor do tempo de instrução é igualmente importante. Tempo de instrução restaurado e expandido é uma das mais poderosas assistências que os administradores podem providenciar aos seus professores e aos seus programas educativos.” (Smith, 2000:678)

Em “Designing for Knowledge Integration: The Impact of Instructional Time” (Clark & Linn, 2003) os autores analisam e comparam o desempenho dos alunos nos testes que requerem conhecimentos integrados com o desempenho dos mesmos em testes de escolha múltipla. Os resultados mostram que a diminuição do tempo de aprendizagem está forte e significativamente relacionada com a diminuição dos conhecimentos integrados de conceitos complexos. Onde os testes escritos mostram o impacto do tempo de aprendizagem nos conhecimentos integrados, os testes de escolha múltipla são relativamente insensíveis a estas diminuições. Permite-se assim aconselhar que a menos que se invista suficientemente para permitir aos estudantes que se tornem guias autónomos do seu próprio conhecimento integrado, ninguém pode esperar resultados efectivos deste processo e que enquanto os alunos “correm” pelos tópicos presentes nos programas, têm menos oportunidades de perceber, comparar, priorizar, organizar e criticar as suas ideias. Estes processos essenciais na aprendizagem ao longo da vida estão menos presentes num currículo e tempo de aprendizagem reduzidos.

A oscilação dos tempos curriculares das disciplinas de índole artística no ensino básico e das específicas e técnicas nos currículos do secundário, ao longo das últimas décadas, tem levantado várias discussões e já em 2007, o Grupo de Avaliação e Acompanhamento da Implementação da Reforma no Ensino Secundário (2007) no seu relatório refletia sobre o problema da diminuição efectiva do peso do ensino prático e/ou experimental ao longo dos três anos do ensino secundário, tendo apresentado algumas propostas de resolução do problema. Aquando da proposta da reforma curricular de 2012 levantaram-se muitos protestos dos mais variados sectores, tanto políticos como profissionais e sindicais, pois propunha a diminuição da carga horária em pelo menos um tempo de 90 min e, para além disso, deixava muito dúvida a informação acerca da possibilidade de duplicação das aulas práticas no caso de

turmas com o máximo de alunos legislado, o que levava a interpretações variadas por parte das escolas provocando a desigualdade educativa (APECV, 2015; APECV, 2012).

1.3. Sucesso no Ensino Superior

A questão do sucesso no ensino superior tem vindo a gerar um interesse crescente, desde que no nosso país se começou a alargar a escolarização da população. A formação de nível superior começa a deixar de constituir um símbolo reservado a um extracto social superior, e a passar a ser “uma aquisição certificada de conhecimentos e competências de alta qualificação, accionáveis nas várias esferas da vida (nomeadamente profissional, cultural e cívica) por um conjunto cada vez mais alargado de pessoas” (Costa e outros, 2014:5).

A democratização do ensino a partir de 1974, o alargamento da escolaridade obrigatória, assim como a diversificação e expansão da rede de instituições promotoras e o aumento da oferta formativa, geraram um maior fluxo de entrada e alargaram a taxa bruta de escolarização. No entanto e apesar do número de inscritos ter registado uma subida muito intensa nos últimos anos, a evolução do número de diplomados não acompanha essa subida (Alves, 2014) Apesar disso a média portuguesa de estudantes que apresentam atrito na eficiência da diplomação não apresenta números muito díspares da média da OCDE e UE21 (Alves, 2014). Isto porque muitos estudantes desistem, mudam de curso, ou não progredem normalmente ao longo do curso. Ana Nunes de Almeida em “Sucesso, Insucesso e Abandono na Universidade de Lisboa: Cenários e Percursos” (Almeida e outros, 2013) considera que a transição para o ensino superior é um momento crítico,

“...a chegada de estudantes que representam, na sua linhagem familiar, a primeira geração de universitários, e para quem a realidade, a lógica, as linguagens do ensino superior são desconhecidas, estranhas ou mal dominadas, (...), estudantes que falharam a sua colocação preferencial no concurso de acesso, (...), estudantes que conciliam os seus estudos com uma actividade profissional (ou familiar) (...), todas estas tendências se conjugam para fazer da frequência do primeiro ano no ensino superior, um ano crítico de adaptação, integração, moratória, experimentação individual, mudança ou abandono.”(Almeida, 2013:9)

Na opinião da autora, estes factores conjugam-se à insuficiência de competências escolares individuais mínimas provocando assim o insucesso escolar.

Firmino da Costa (2014) sugere a distinção de Philippe Perrenoud (2003) entre o sucesso escolar “associado ao desempenho dos alunos, quando estes dão resposta às normas de excelência escolar e progridem nas suas formações” e o que diz respeito ao sucesso das instituições. Esta temática do sucesso, tem vindo a ser trabalhada por diversos autores, entre eles Bernard Lahire (1997) e Vincent Tinto (2012), que consideram como principais factores, para a obtenção de sucesso, as origens sociais, a escolaridade anterior, trabalho, família e residência, sociabilidade e redes, dimensões da trajectória social e escolar.

“O modelo analítico de Vincent Tinto toma em conta, (...) que cada estudante ingressa num estabelecimento de ensino com um conjunto de características individuais associadas ao meio social de origem, ao percurso escolar anterior e os seus atributos individuais.” (Costa, 2014:12)

Podemos neste caso apontar para a sobre representação dos estudantes oriundos de classes sociais mais favorecidas, nas universidades portuguesas (Lopes e Costa, 2014) Sabendo que as características socioeducativas também são um indicador importante e que a existência de títulos escolares raros no grupo doméstico é um factor favorável ao sucesso, enfatizamos a sobre representação de jovens provenientes de grupos domésticos mais escolarizados e a sub representação dos jovens oriundos de grupos domésticos menos escolarizados no nosso país (Alves e outros, 2013)

2. O ENSINO DAS ARTES VISUAIS EM PORTUGAL

2.1. Breve História do Ensino das Artes Visuais em Portugal

Segundo Fernandes e outros (2007), o panorama histórico do ensino das Artes Visuais é de uma realidade muito pouco significativa no sistema do ensino público português e muito direccionada para a profissionalização dos seus actores. A criação da Academia de Belas Artes, em Lisboa, no ano de 1835, é considerada o ponto-chave para o início do ensino artístico. A sua finalidade seria fazer a ligação das artes com a aprendizagem de uma profissão no clima da industrialização e do progresso. Em 1836 é criada a Academia de Belas Artes do Porto. Havia, nesta altura uma noção de educação de âmbito abrangente, das várias vertentes artísticas, que possibilitaria aos operários a obtenção de aptidões para a concepção e construção de novos produtos. Este propósito no entanto não seria alcançado, e Portugal seria conotado, nessa época, entre os últimos países europeus. Nas décadas seguintes várias são as reformas promovidas no ensino das artes, apesar disso a situação pouco se altera. A decisão de oferecer a possibilidade do ensino técnico-profissional noutros pontos do país, na primeira metade do século XIX, leva à fundação de escolas de desenho industrial ao lado das indústrias. No entanto, a pouca procura leva ao fecho de muitas dessas escolas. Procura-se então reformular e reorganizar as escolas industriais e em 1884 foi criada a Escola de Desenho Industrial de Faria de Guimarães do Bonfim (a actual Escola Artística de Soares dos Reis no Porto). Depois da instituição do regime republicano a 5 de Outubro de 1910, as novas autoridades escolares defendem uma descentralização do ensino das artes, é então criada uma comissão de especialistas para a reorganização do ensino industrial e artístico, cujo relatório se torna um dos mais importantes documentos produzidos, na história portuguesa, no âmbito da educação artística (Fernandes e outros, 2007). Em 1919 foi fundada a Escola de Arte Aplicada de Lisboa (a actual Escola Artística António Arroio). “(...) um princípio de especialização já deve ser aqui introduzido; diz respeito aos alunos que pretendem dedicar-se a qualquer arte industrial. Para esses alunos exige-se o curso geral da Escola Industrial e os alunos em vez de seguirem para o grau complementar inscrevem-se numa escola especial destinada a produzir artistas das artes industriais e que se denomina Escola de Arte Aplicada, onde ao lado do desenho especializado, têm a prática oficial respectiva” (Diário do Governo, I série de 05.12.1918, decreto n.º 5:029, de 1 de Dezembro de 1918).

Com esta disposição legal se constituiu o mote para a construção, na capital, de uma escola exclusivamente destinada ao ensino especializado das artes industriais.

A existência destas duas escolas foi intermitente, já que várias vezes foram fechadas e integradas no ensino técnico-profissional. Os governantes procuravam desde meados do séc. XIX, no desenvolvimento do desenho entre o operariado, uma das vias para o crescimento sustentado da indústria portuguesa, levando a que as Artes Visuais fossem secundarizadas “já que o tema não era o da educação das elites, como na Música, mas o oposto, o da possibilidade de associar a arte, e o seu ensino, com a vulgarização, com a produção em grande escala para consumo da massa (Fernandes, 2007:119)”.

No entanto, com a reforma do ensino técnico em 1948, passam ambas a denominar-se escolas de artes decorativas e, a partir de 1953, a conter nos seus planos de estudo, cursos de secção preparatória às belas artes, para além dos cursos de artes decorativas. Com a Revolução de Abril e a consequente extinção formal do ensino técnico profissional, passam ambas a denominar-se Escola Secundária e a terem currículos iguais às outras escolas secundárias e só em 1980 foi criado o 12º ano estruturado em duas vias, uma para o prosseguimento de estudos (equivalente ao Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais) e outra orientada para a vida activa (equivalente aos Cursos Profissionais Qualificantes).

Mais recentemente, já em 1993, partindo da lei de bases do sistema educativo e de legislação subsequente que estabelecia a organização da educação artística, por portaria desse ano foram instituídos oito cursos: dois deles (cursos gerais I e II), predominantemente orientados para o prosseguimento de estudos no ensino superior, e os restantes seis (nas áreas da comunicação gráfica, comunicação audiovisual, ourivesaria e metais, cerâmica, têxtil e equipamento), vocacionados para o ingresso na vida activa. Em 1998 os dois cursos gerais foram fundidos num único, e os restantes, após terem sido ligeiramente ajustados, prosseguiram genericamente com a mesma matriz curricular.

Com o processo de revisão curricular iniciado no ano lectivo de 2004/05, foram implementados quatro cursos – produção artística, comunicação audiovisual, design de comunicação e design de produto – em cujos planos de estudo continua a ser preponderante a componente de formação técnico-artística. Já mais recentemente foi introduzido, nas escolas, o ensino do curso científico-humanístico de Artes Visuais procurando responder a todos aqueles alunos que preferem o prosseguimento de estudos. Pouco tempo depois os cursos passaram a responder a ambas as procuras:

“Para o desenvolvimento da educação artística vocacional, os jovens podem optar por cursos do ensino artístico em Escolas Especializadas Artísticas nas áreas da Dança, da Música e das Artes Visuais. O ensino artístico especializado, visando proporcionar ofertas de formação artística diferenciadas, de nível secundário, que respondam a uma procura social orientada exclusivamente

para um aprofundamento de determinadas linguagens artísticas independentemente de uma opção profissional, tem vindo a justificar uma reorganização para reforço da sua identidade. Assim e no âmbito da reforma do ensino artístico especializado, foram estabelecidas as regras para a criação de cursos artísticos especializados, oferta vocacionada, consoante a área artística, para o prosseguimento de estudos de nível superior ou orientados na dupla perspectiva da inserção no mercado de trabalho, com emissão de um certificado de qualificação profissional de nível 3 e do prosseguimento de estudos” (<http://portal.iefp.pt>)

Acerca da FBAUL

A partir do século XVI foram vários os tratados teóricos realizados, que defendiam que o ensino artístico não se devia limitar a uma mera transmissão de técnicas e práticas oficinais, mas que deviam ser formadas academias que pudessem oferecer uma formação tanto nessas técnicas como nas bases e debates teóricos.

A história do ensino artístico em Portugal inicia-se um pouco mais tarde, à margem daquilo que acontecia pelo resto da Europa. É apenas em 1836 que é criada a Academia Nacional de Belas-Artes, sendo esta instalada no Convento de S. Francisco. Na Academia é dada prioridade ao estudo e prática do Desenho.

Em 1911 a Academia Nacional de Belas-Artes é extinta e no mesmo ano são reorganizadas as Escolas de Belas-Artes. Durante este período e até 1950 existiu, no lugar da Academia, a Escola de Belas-Artes. Já em 1950, esta passa a chamar-se Escola Superior de Belas-Artes e são então criados os cursos de Pintura, Escultura e Arquitectura.

No ano de 1974 é iniciado um processo de reforma e reestruturação do ensino artístico, tendo sido criados dois departamentos distintos: o de Artes plásticas e Design e o de Arquitectura. É neste ano que são então criados os cursos de Design de Equipamento e Design de Comunicação, no entanto, é ao mesmo tempo suspenso o curso de Arquitectura, por falta de condições físicas do edifício (curso este que já só voltaria a ser retomado em 1979, ao ser integrado na Universidade Técnica de Lisboa, aquando da criação da Faculdade de Arquitectura).

Já só mais tarde, em 1992, a Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa é integrada na Universidade de Lisboa, e passa então a denominar-se de Faculdade de Belas-Artes, podendo então, a partir daqui ter uma oferta curricular para além dos cursos de 1º ciclo, sendo abertos daqui para a frente diversos cursos de mestrado (2º ciclo) e doutoramento (3º ciclo). Desde então até à actualidade, foram vários os cursos criados nos diferentes ciclos, que vieram assim dar resposta às necessidades criadas pela evolução social. Ainda em 2008 foi feita uma revisão e adequação das licenciaturas e dos cursos antigos de mestrado ao Processo de Bolonha, o que veio alterar a duração das licenciaturas existentes até então, e todas as que daí para a frente surgiram,

apenas para 3 três anos, à excepção da licenciatura em Pintura que ficou com 4 anos. Todos os Mestrados passaram então a ter uma duração de 2 anos. (<http://www.belasartes.ulisboa.pt/belas-artes/historia-fotografias/>)

Actualmente a Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa tem uma oferta curricular em 1º, 2º e 3º ciclo. O 1º ciclo contempla 8 cursos de licenciatura, sendo eles Arte Multimédia; Ciências da Arte e do Património; Desenho; Design de Comunicação; Design de Equipamento; Escultura; Pintura e Estudos Gerais O 2º ciclo é constituído por 12 cursos de mestrado, Arte e Ciência do Vidro; Arte Multimédia; Ciências da Conservação; Restauro e Produção de Arte Contemporânea; Crítica, Curadoria e Teorias da Arte; Desenho; Design de Comunicação e Novos Media; Design de Equipamento; Educação Artística; Escultura; Museologia e Museografia; Pintura; Práticas Tipográficas e Editoriais Contemporâneas. Por fim, o 3º ciclo apresenta um total de oferta curricular de 3 cursos de doutoramento, sendo estes Doutoramento em Belas-Artes; Doutoramento em Artes Performativas e da Imagem em Movimento e Doutoramento em Educação Artística.

No total são mais de 1600 alunos, distribuídos ao longo dos três ciclos, que fazem da Faculdade de Belas-Artes de Lisboa o foco principal da actualidade do ensino artístico em Portugal. (<http://www.belasartes.ulisboa.pt/belas-artes/historia-fotografias/>)

A formação proporcionada pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa visa fundamentalmente dotar os seus alunos das competências necessárias ao entendimento da inserção da Arte nos fenómenos artísticos, e pretende também formá-los com as competências indispensáveis, tanto artísticas como técnicas, nas mais diversas especialidades. A par destes objectivos, A FBAUL tem como grande finalidade preparar os seus alunos para corresponder com eficácia e profissionalismo às actividades artísticas e culturais, formando-os naquilo que se pode designar de Agentes Culturais, agentes estes que poderão estar ao abrigo do exercício da docência, como dos mais diversos níveis da aprendizagem das linguagens das artes plásticas. (<http://www.belasartes.ulisboa.pt/cursos/licenciaturas/pintura/>)

Segundo Ana Nunes de Almeida (Almeida, A.N. et al, 2013) na FBAUL a taxa de insucesso no ano de 2005/2006 foi de 26,9%, as notas de candidatura Muito Bom foram 46,3%, enquanto que os dados relativos a retenções no percurso precedente apontam para 24,7% dos alunos, os alunos colocados em segunda ou mais opção eram cerca de 37,2%.

O que diz respeito às entradas nos cursos de 1º ciclo, ou seja, de licenciatura, as médias de entrada e as notas de candidatura do último colocado pelo contingente geral, em valores, que se verificaram no ano de 2015 foram, para o curso de Arte e Multimédia a média foi de 17,02 valores e a nota do último colocado foi de 16,35; no

curso de Ciências da Arte e do Património a média foi de 14,11 e a nota do último colocado foi de 11,55; no curso de Desenho a média de entrada foi de 17,10 e a nota do último colocado foi de 15,95; no curso de Design de Comunicação a média foi de 17,96 e a nota do último colocado foi de 17,10; no curso de Design de Equipamento a média foi de 15,99 e a nota do último colocado foi de 14,65; no curso de Escultura a média de entrada foi de 14,92 e a nota do último colocado foi de 13,80; por fim no curso de Pintura, a média de entrada foi de 16,83 e a nota do último colocado foi de 15,70.

2.2. O Ensino das Artes Visuais no Curso Científico-Humanístico e nas Escolas Artísticas Especializadas

Em Portugal, no currículo do Ensino Secundário, não existe uma disciplina de artes visuais na formação geral para todos os alunos, independentemente das escolhas de formação específica. Apesar das propostas de várias organizações governamentais ou não governamentais, como o CNE e a APECV (APECV, 2015; CNE, 2013) e de vários relatórios produzidos, no âmbito do ensino artístico, ao longo das últimas décadas, que propõem e aconselham “a criação de uma nova disciplina de natureza artística na componente de formação geral comum a todos os cursos ou reforçar a presença de disciplinas artísticas, como opções em todos os agrupamentos.”(Fernandes e outros, 2007), essa falha continua a retirar aos nossos jovens a possibilidade de ter os conhecimentos necessários que lhes permitam compreender as manifestações estéticas e culturais, não só da sua região ou país, como da comunidade internacional (Silva e outros, 2000). Assim as artes aparecem só como formação específica, isto no caso de os alunos escolherem essa área do grupo de Artes Visuais integrado no Curso Científico-Humanístico, ou de ingressarem numa Escola Artística Especializada ou num Curso Profissional Qualificante de vertente artística. Depois de terminado o 3º Ciclo, segue-se o Ensino Secundário, o qual segundo o site da Direção Geral da Educação “visa proporcionar uma formação e aprendizagens diversificadas” (<http://www.dge.mec.pt/ensino-secundario>). Nesta fase, parte-se de uma opção individual de cada aluno, existindo a possibilidade da escolha de um Curso Científico-Humanístico, como mote para o acesso a um universo formativo mais especializado. No site da DGE referem ainda que: “Os cursos científico-humanísticos constituem uma oferta educativa vocacionada para o prosseguimento de estudos de nível superior (universitário ou politécnico). Destinam-se a alunos que tenham concluído o 9.º ano de escolaridade ou equivalente. Têm a duração de 3 anos letivos, correspondentes aos 10.º, 11.º e 12.º anos de escolaridade. Conferem um diploma de conclusão do Ensino

Secundário (12º ano), bem como o nível 3 de qualificação do Quadro Nacional de Qualificações (QNQ)” (<http://www.dge.mec.pt/cursos-cientifico-humanisticos>). Actualmente o Curso Científico-Humanístico divide-se em quatro vertentes: Ciências e Tecnologias, Ciências Sócio- Económicas, Línguas e Humanidades e Artes Visuais¹. Esta escolha deverá proporcionar o “desenvolvimento de capacidades de raciocínio e curiosidade científica e o aprofundamento dos elementos fundamentais de uma cultura humanística, artística, científica e técnica, que constitui suporte cognitivo e metodológico apropriado para o eventual prosseguimento de estudos e para a inserção na vida activa” (Silva e outros, 2000:51).

Segundo o estudo comparado realizado por Fernandes e outros (2007), Portugal é dos países que apresenta o ciclo mais curto no que respeita à oferta de aprendizagens no campo da educação artística, uma vez que esta só acontece durante os primeiros nove anos de escolaridade. Após a conclusão do 9º ano de escolaridade, não são apresentadas, aos jovens, propostas de frequência de disciplinas do âmbito artístico a não ser que os alunos escolham como prosseguimento de estudos o CHAV, as EAEAV ou CPQAV.

A informação disponibilizada na página da Internet da DGE (<http://www.dge.mec.pt/curso-de-artes-visuais>) informa-nos que os planos de estudo dos cursos integram: a componente de formação geral, comum aos quatro cursos, que visa contribuir para a construção da identidade pessoal, social e cultural dos jovens; a componente de formação específica, que visa proporcionar formação científica consistente no domínio do respectivo curso; a disciplina de Educação Moral e Religiosa, de frequência facultativa. A componente de formação geral é constituída pelas disciplinas de: Português, Língua Estrangeira I, II ou III (Alemão, Espanhol, Francês ou Inglês), Filosofia e Educação Física. A componente de formação específica é constituída por uma disciplina trienal obrigatória (10.º, 11.º e 12.º anos), que no caso do Curso de Artes Visuais é a disciplina de Desenho A, duas disciplinas bienais (10.º e 11.º anos) a escolher de entre o leque de opções de cada curso, sendo ambas obrigatoriamente ligadas à natureza do mesmo, e que no caso do Curso de Artes Visuais correspondem a Geometria Descritiva A, Matemática B e História da Cultura e das Artes; duas disciplinas anuais (12.º ano) a escolher de entre as opções de cada curso, sendo uma disciplina obrigatoriamente do conjunto de disciplinas directamente ligadas à natureza do curso, que no caso do Curso de Artes Visuais serão Oficina de Artes, Oficina de Multimédia, Materiais e Tecnologias, e a outra

¹ Os cursos científico-humanísticos são regulados pelo [Decreto-Lei n.º 139/2012 de 5 de julho](#), alterado pelo [Decreto-Lei n.º 91/2013, de 10 de julho](#), pelo [Decreto-Lei n.º 176/2014, de 12 de dezembro](#) e pela [Portaria n.º 243/2012 de 10 de agosto](#), retificada pela [Declaração de Retificação n.º 51/2012, de 21 de setembro](#).

disciplina podendo ser escolhida de entre o conjunto de disciplinas ligadas a diversas áreas do saber (Portaria n.º 243/2012 de 10 de agosto).

Nos quadros seguintes apresentam-se dados que permitem fazer uma comparação dos tempos lectivos (90 min) das várias componentes de formação dos cursos CCHAV e dos cursos do EAEAV.

Quadro 2.1 – Número de tempos (90 min) por cada disciplina da componente de Formação Geral

Componente Formação Geral no C. C. H. A. V e E. A. E. A. V.					
	Português	Inglês	Filosofia	Educação Física	Total
10º ano	2	2	2	2	8
11º ano	2	2	2	1	7
12º ano	2,5	0	0	1	3,5

fonte: www.dge.mec.pt

Quadro 2.2 – Número de tempos (90 min) por cada disciplina de Formação Científica no CCHAV. De entre as disciplinas de História da Cultura e das Artes, Geometria Descritiva A e Matemática B, os alunos devem optar por duas.

Componente Formação Científica no C. C. H. A. V.	
	História da Cultura e das Artes / Geometria Descritiva A / Matemática B
10º ano	6
11º ano	6
12º ano	0

Fonte: www.dge.mec.pt

Quadro 2.3 – Número de tempos 90 min por cada disciplina da componente Técnico-Artística no CCHAV. De entre as disciplinas de Oficina de Artes, Oficina de Multimédia e Materiais e Tecnologias, os alunos devem optar por duas.

Componente Técnico - Artística no C. C. H. A. V.			
	Desenho	Oficina de Artes / Oficina de Multimédia / Materiais e Tecnologias	Total
10º ano	3	0	3
11º ano	3	0	3
12º ano	3	4	5

Fonte: www.dge.mec.pt

O Ensino Artístico Especializado das Artes Visuais é uma conjugação do Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais e os Cursos de Qualificação

Profissionalizantes, sendo regidos pela Agência Nacional para a Qualificação e o Ensino Profissional, I.P. (ANQEP).

Neste momento podemos considerar que o Ensino Artístico Especializado das Artes Visuais é um modelo de ensino que conjuga os cursos científico-humanísticos com os cursos profissionais. Isto significa que o curso oferece uma formação geral como nos científico-humanísticos, com as disciplinas de Português, Filosofia, Língua Estrangeira e Educação Física, e inclui também as disciplinas de História da Cultura e das Artes, Desenho A e no 11º e 12º Geometria Descritiva A. Estas disciplinas são todas de programa nacional, de modo a preparar os alunos para o acesso ao ensino superior. O que diferencia estes cursos do Curso Geral de Artes, leccionado nas Escolas Secundárias, é a disciplina de Projecto e Tecnologias com o trabalho prático e oficial. No 12º ano os alunos fazem ainda a Formação em Contexto de Trabalho e realizam a Prova de Aptidão Artística, a obtenção de sucesso em todas as etapas conferem a obtenção do nível 4 de qualificação do Quadro Nacional de Qualificações

Quadro 2.4 – Número de tempos (90min) por cada disciplina da Formação Científica nos cursos das EAEAV

Componente Formação Científica no E. A. E. A. V.				
	História da Cultura e das Artes	Geometria A / Imagem e Som	G. A. / T. D. / F. Q. A. / Matemática B	Total
10º ano	2	0	0	2
11º ano	2	3	2	7
12º ano	2	3	2	7

Fonte: w w w .dge.mec.pt

Quadro 2.5 – Número de tempos (90 min) de cada disciplina da componente Técnico-Artística dos cursos das EAEAV

Componente Técnico - Artística no E. A. E. A. V.			
	Desenho	Projecto e Tecnologias	Total
10º ano	3	4	7
11º ano	3	4	7
12º ano	3	8	11

Fonte: w w w .dge.mec.pt

De modo a permitir uma comparação entre os tempos de Formação Técnico-Artística nos dois tipos de curso, apresenta-se então o quadro seguinte.

Quadro 2.6 – Comparação do número de tempos (90 min) das disciplinas técnico-artísticas no CCHAV e no EAEAV.

	Número de Tempos da Formação							
	10º		11º		12º		Total	
	Semanal	Anual	Semanal	Anual	Semanal	Anual	Semanal	Anual
E. A. E. A. V.	2,5 + 4	221	2,5 + 4	214,5	3 + 8	363	24	798,5
C. C. H. A. V.	2,5	85	2,5	82,5	3 + 1,5 + 1,5	198	11	365,5

Fontes: DGEEC, DSEE, Fernandes, 2007

Pode assim verificar-se que as EAEAV têm mais 433 tempos, nos 3 anos, de Formação Técnico-Artística que os CCHAV.

Segundo a informação disponibilizada, nas páginas da Internet, as duas escolas públicas existentes são bem equipadas, com oficinas totalmente providas para Madeiras, Metais, Joalheria, Cerâmica, Gessos, Impressão Offset, Gravura, Tipografia, Serigrafia, Fotografia, Vídeo, Multimédia, Têxteis, Cenografia e Figurinos (<http://www.antonioarroio.pt>; <https://www.essr.net>).

As turmas nas escolas de Ensino Artístico devem ter um número mínimo de 26 alunos e um máximo de 30 alunos (Despacho n.º 5048-B/2013, que rege a formação das turmas no ensino secundário). Para entrarem nas escolas de Ensino Artístico os critérios são: a classificação obtida na disciplina de Educação Visual ou em disciplina afim (área artística); a média aritmética das classificações obtidas nas disciplinas concluídas no 9º ano; e a idade, dando-se prioridade aos mais novos. Todas as escolas de Ensino Artístico Especializado de Artes Visuais alegam que contam, no seu corpo docente, com professores com currículo artístico (Fernandes e outros, 2007)

Em Portugal existe ainda, para além das duas escolas públicas – António Arroio em Lisboa e a Soares dos Reis no Porto - o Instituto das Artes e da Imagem, pertencente ao sector do ensino particular e cooperativo, também sediado no Porto. Cada uma destas escolas tem o seu plano curricular próprio, afirmando assim a diversidade formativa e qualidade. Os planos de estudo destas escolas, estando agora menos diferenciados do que noutros tempos, continuam a ser a essência da sua especificidade, sendo amplamente caracterizados pelas componentes de projecto e de metodologia própria. Na opinião de Fernandes e outros (2007) estas valências devem manter-se e aprofundar-se seja qual for o cenário do futuro. Segundo o autor vários relatórios anteriores propõem a possibilidade de expansão desta rede de escolas. No entanto, hoje, estas escolas mantêm-se em igual número, embora a reforma do ensino secundário tenha criado novos cursos que, nalguns casos, integram características dos anteriores. De notar ainda o desequilíbrio em termos de distribuição geográfica. “Apesar do crescimento que se tem verificado nos últimos 15 anos¹², a oferta de

ensino artístico especializado permanece regionalmente assimétrica: as escolas situam-se fundamentalmente no litoral, a norte do rio Tejo, junto das Áreas Metropolitanas do Porto e Lisboa.” (Xavier, 2004:10). Em “Estatísticas da Educação 2014/2015” (DGEEC and DSEE) encontrei referência a uma outra escola de Ensino Artístico, que também leccionaria as Artes Visuais, no Algarve, mas da qual, apesar das pesquisas, não verifiquei dados de natureza sobre o assunto. Jorge Barreto Xavier no relatório que coordena propõe “Criar uma rede nacional de escolas de ensino artístico especializado que permita proporcionar uma oferta diversificada e estruturada em termos de complementaridade e dar resposta às necessidades locais e regionais, à heterogeneidade dos públicos e à identidade dos projectos das próprias escolas.”(Xavier, 2004:16), proposta essa que aparece em vários relatórios anteriores mas nunca foi concretizada.

Segundo a Direcção Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC and DSEE, 2015), no ano lectivo de 2014/2015, matricularam-se, em cursos de Artes Visuais, 32003 alunos. Conforme podemos observar no quadro 7, este número corresponde a 8,1% do total de alunos matriculados no ensino secundário, Relacionando os alunos matriculados em cursos de Artes Visuais, podemos perceber que os alunos matriculados em CCHAV são 44,4%, os alunos matriculados em CPQAV são 48,6%, enquanto que os alunos matriculados em Escolas Artísticas de Artes Visuais e Audio Visuais são 6,8% do total do número de alunos matriculados em cursos de Artes Visuais.

Quadro 2.7- Número de alunos matriculados no Ensino Secundário no ano lectivo de 2014/15

Número de Alunos Matriculados				
TOTAL Secundário	Cursos Científico - Humanísticos	C. C. H. Artes Visuais	C. P. Q. Artes	E. A. E. Artes Visuais e Audio - Visuais
393618	203790	14223	15573	2206
		32003		

Fontes: DGEEC; DSEE

As escolas de Ensino Artístico Especializado das Artes Visuais encontram-se irregularmente distribuído no território nacional, as poucas escolas que existem estão localizadas nas duas maiores cidades do país, o que implica que os alunos são maioritariamente cosmopolitas. A evolução e o melhoramento das instalações, tanto física como materialmente, das duas principais escolas, a António Arroio e a Soares

dos Reis, levaram a que o número de alunos matriculados aumentasse na última década, como podemos observar no quadro 2.8.

Quadro 2.8 – Número de alunos matriculados no EAEAV, por escolas, no ano lectivo 2014/15 em Portugal, em comparação com o ano lectivo de 2005/06

No quadro 2.9 podemos consultar o número de alunos que concluíram, no ano de

Número de Alunos Matriculados no E. A. E. A. V.					
	E. A. E. Artes Visuais	Norte		E. A. E. A. A.	Algarve
		E. A. E. S. R.	I. A. I.		
2005 / 2006	1672	583	97	992	0
2014 / 2015	2206	818	83	1268	37

Fontes: DGEEC; DSEE; Fernandes, 2007

2015, o 12º ano, nas diferentes escolas artísticas especializadas, assim como os dos cursos profissionais e do curso científico-humanístico de Artes Visuais. Este quadro não permite, contudo, verificar a taxa de sucesso destas escolas.

Quadro 2.9 – Número de alunos que concluíram o 12º ano no ano lectivo 2014/15

Número de Alunos que concluíram o 12º ano					
C. C. H.	C. C. H. Artes Visuais	C. P. Q. Artes	E. A. E. Artes Visuais e Audio - Visuais		
			A. A.	S. R.	I. A. I.
44049	2282	3244	368	210	23
			6127		

Fontes: DGEEC; DSEE

3. METODOLOGIA

Recorde-se que esta investigação pretendeu responder à seguinte pergunta de partida: Os alunos que beneficiaram de maior carga horária das disciplinas técnico-artísticas – provenientes das EAEAV, apresentam mais sucesso no 1º ano da FBAUL que os alunos que vêm das escolas secundárias e de escolas profissionais de cursos de Artes Visuais e de outros?

Como meio de explorar questão de investigação, fomos realizar um estudo de caso à Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, onde efectuámos entrevistas semi directivas, com perguntas para orientação a professores e inquéritos por questionário a alunos.

Instrumentos de Recolha da Informação

Entrevista - foi estruturado um guião (ver anexo1), onde se propunha ao professor que falasse acerca do seu trabalho como professor do primeiro ano da disciplina, há quanto tempo lecciona e quais os principais problemas encontrados na obtenção de sucesso pelos alunos, assim como as estratégias encontradas para os resolver. Acerca da formação precedente dos alunos, foi indagado se sabiam qual era o perfil de competências dos alunos à entrada na FBAUL, se encontravam diferenças nesses perfis e se as poderiam identificar. Indagou-se ainda se, ao longo do seu percurso como professores, verificavam alterações nas competências dos alunos que ingressavam na FBAUL e a que se deviam essas alterações. Pediu-se aos professores entrevistados para identificarem as dificuldades sentidas pelos alunos no desenvolvimento do plano de estudos da unidade curricular. Por fim questionou-se acerca da relação do sucesso na sua disciplina com o percurso de formação precedente dos alunos.

A realização das entrevistas decorreu de 15 a 30 de Maio de 2015, repartido por 6 visitas à FBAUL. Foram realizadas 6 entrevistas, em 5 casos os entrevistados permitiram a gravação das mesmas, e da outra, por falta de autorização, foram apenas recolhidas notas em diário de campo. As 5 entrevistas gravadas foram transcritas e três delas encontram-se em anexo (anexos 2, 3 e 4), com a devida autorização dos entrevistados². O quadro de análise das entrevistas encontra-se no anexo 5.

Todos os professores entrevistados leccionavam as disciplinas há pelo menos dois anos.

² A informação recolhida nas entrevistas segue o tipo de análise de conteúdo pelo processo simplificado – por *categorias ou problemáticas* (Poirier, Clapier-Valladon & Raybaut, 1983), etapa realizada entre 1 de Agosto e 31 de Outubro de 2015

Inquérito por questionário – O questionário construído foi dividido em três partes (ver anexo 6). Na primeira parte indagou-se acerca do perfil do aluno, sexo e da situação profissional e habilitações literárias dos pais³. Na segunda parte questiona-se o aluno acerca do seu percurso académico precedente (a escola frequentada, a localidade, o curso, e a trajectória escolar) ao 1.º ano de licenciatura dos alunos dos cursos de Arte Multimédia, Ciências da Arte e do Património, Desenho, Design de Comunicação, Design de Equipamento, Escultura e Pintura da FBAUL. Na terceira parte o aluno responde a questões acerca do percurso na FBAUL, a média de entrada, o curso que frequenta, se é trabalhador estudante, as qualificações obtidas no primeiro semestre às disciplinas de História da Arte, Desenho, Pintura e Escultura. Perguntou-se, ainda, se se sentiam suficientemente preparados em termos de conhecimentos para o que encontraram, indaga-se ainda acerca das dificuldades encontradas e quais os aspectos que propunham mudar, no ensino secundário, de forma a colmatar esses problemas.

Relativamente à amostra, embora fosse intenção, inquirir todos os alunos do 1.º ano, de todos os cursos do 1º ciclo ministrados na FBAUL, esse propósito revelou-se incomportável, tendo sido recolhidos 200 inquéritos por questionário. Essa amostra é relevante pois corresponde a cerca de 50% dos alunos matriculados no 1º ano da FBAUL no ano lectivo de 2014/2015.

O trabalho de campo decorreu entre 01 de Junho e 01 de Julho de 2015. A metodologia de aplicação deste questionário, foi a de autopreenchimento, antecedida por uma breve explicação do formulário, permanecendo-se na sala, tirando dúvidas sempre que se colocavam.

Três dos questionários foram abandonados, logo à partida, pois não foram preenchidos por metade, outros seis foram excluídos pois não respondiam a uma questão muito importante para a pesquisa. A introdução dos dados no programa SPSS (Statistical Package for Social Sciences) fez-se, entre 25 de Março e 9 Agosto. Começou-se por introduzir o questionário na totalidade (de 26 variáveis), após várias observações decidiu-se analisar apenas 23 por serem as mais pertinentes de modo a dar resposta à pergunta de partida. Depois de introduzidos todos os 191 questionários, foi seleccionada a informação e executaram-se quadros. Foram objecto de análise estatística de dados bivariáveis que permitiram algumas correlações.

Após a primeira análise percebeu-se que o universo dos alunos pertencentes à amostra e que provinham de EAEAV era muito pequeno, no entanto após comparação

³ De forma a podermos qualificar os grupos domésticos na sua composição socioprofissional optámos por utilizar a escala utilizada por António Firmino da Costa (Costa, A.F., 1999)

com o universo de todos os alunos matriculados em cursos do secundário, podia considerar-se que a amostra era proporcional, como se pode verificar no quadro 3.1.

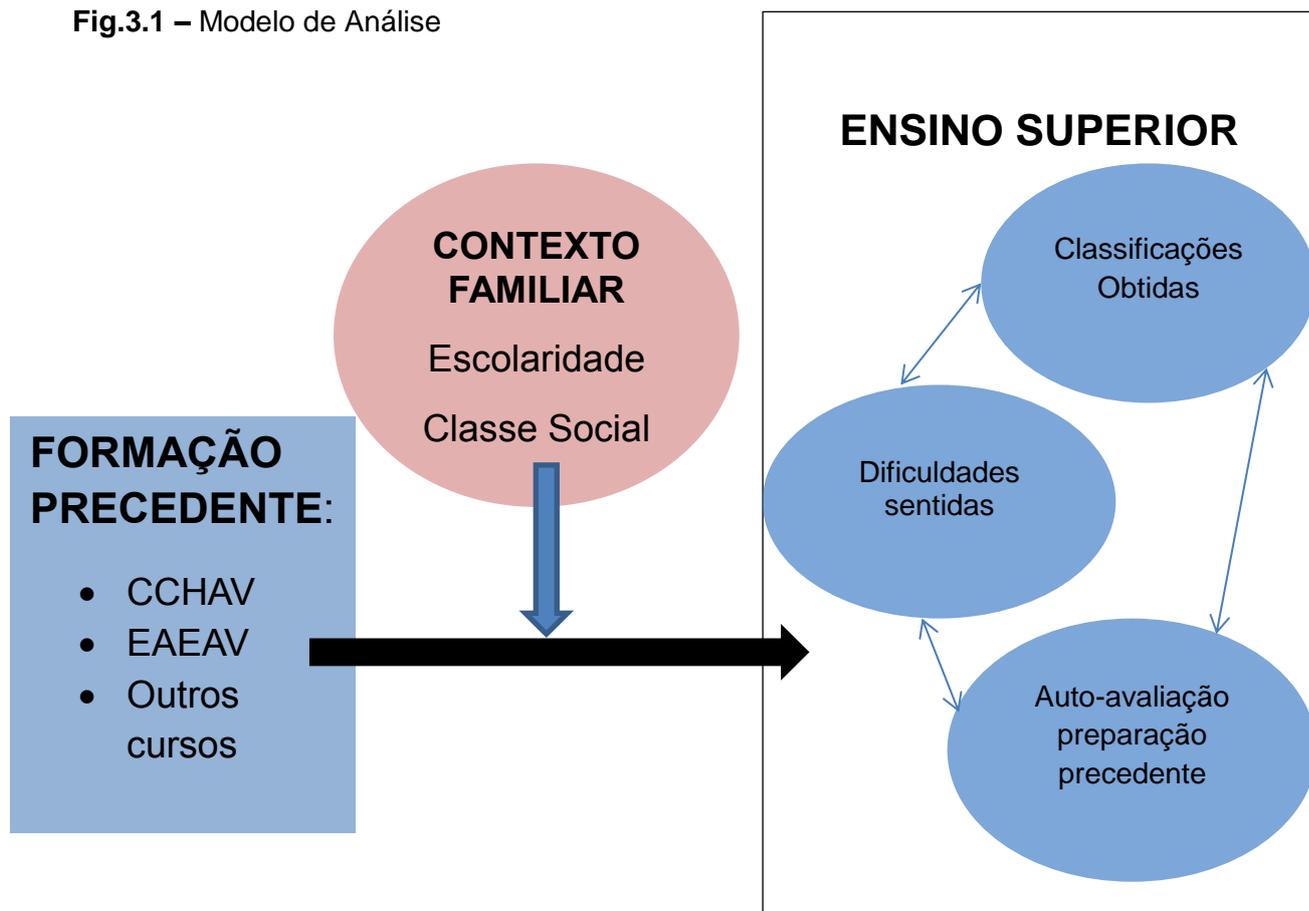
Quadro 3.1 – Comparação entre os alunos matriculados em cursos de Artes Visuais no ano de 2014 e número de alunos da amostra conforme os cursos frequentados na formação precedente.

	Alunos Matriculados no Ensino Secundário e Superior (F. B. A. U. L.)		
	C. C. H. A. V.	E. A. E. A. V.	Outros
Alunos Matriculados em Artes Visuais (2014)	44%	7%	49%
Alunos da Amostra F. B. A. U. L.	76%	11%	10%

Fontes: DGEEC; DSEE

O modelo de análise construído de forma a tentar responder à questão de partida é representado na figura seguinte:

Fig.3.1 – Modelo de Análise



4. RESULTADOS E FORMAÇÃO PRECEDENTE EM ALUNOS DO 1º ANO DA FBAUL

4.1. Análise Descritiva

A *experiência dos Alunos* - Apresentam-se de seguida os resultados das principais questões abordadas no inquérito por questionário, os dados em pormenor são apresentados no anexo 7. Os dados relevantes para a pesquisa realizada são apresentados na Fig.4.1 e Fig.4.2.

Quadro 4.1 – Caracterização sociodemográfica

		Total (nº)	(%)
sexo	Feminino	129	67,5
	Masculino	62	32,5
Classe Social do Grupo Doméstico	Empresários, Dirigentes e Profissões Liberais (EDL)	57	29,8
	Profissionais Técnicos de Enquadramento (PTE)	82	42,9
	Trabalhadores Independentes (TI)	2	1,0
	Empregados Executantes (EE)	44	23,2
	Reformados e não respondentes	5	2,6
Escolaridade familiar	Ensino superior	125	65,4
	Ensino secundário	43	22,5
	Ensino básico (3º ciclo)	17	8,9
	Ensino básico (1º/2º ciclos)	6	3,1

Acerca da caracterização dos 191 alunos participantes na amostra podemos verificar que: as alunas (67,5%) são em maior número que os alunos (32,5%); a maioria dos alunos inquiridos pertence às classes sociais do grupo doméstico EDL e PTE (72,9%); os alunos de grupo familiar com escolaridade do ensino superior também se encontram representados em maioria (65,4%).

No quadro 4.2 é apresentada a síntese dos dados relativos à formação precedente e à situação actual dos alunos da amostra recolhida. Os resultados do inquérito são apresentados no anexo 8.

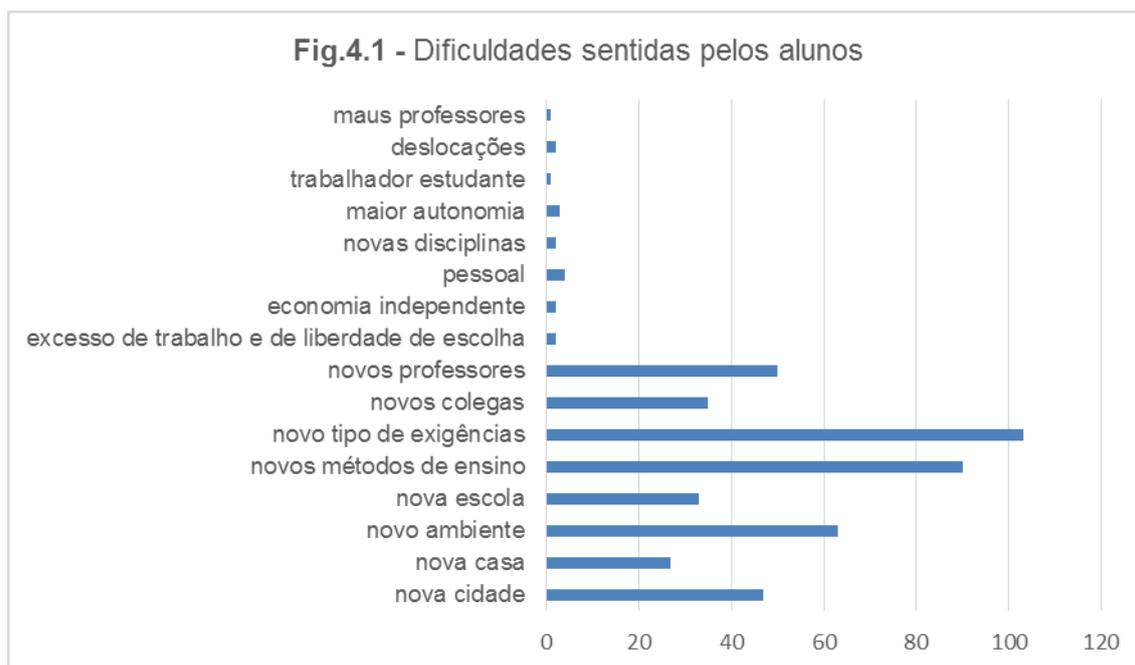
Quadro 4.2 – Formação precedente e situação actual

		Total (nº)	(%)
Escola frequentada no Secundário	Esc. Art. Ant. Arroio	21	11,0
	Esc. Art. S. dos Reis	1	0,5
	Escola Secundária	168	88,0
	Escola Profissional	1	0,5
Curso no Secundário	CCHAV	148	77,5
	EAEAV	21	11,0
	Outras Formações	22	11,5
Reprovações na Formação Precedente	Sem reprovações	167	87,4
	1 Reprovação	18	9,4
	2 Reprovações	6	3,1
Média de Entrada no Ensino Superior	10 – 12,4	1	0,5
	12,5 – 14,4	14	7,3
	14,5 – 17,4	98	51,3
	17,5 - 20	70	36,6
	Não responde	8	4,2
Trabalhador Estudante	Sim	24	12,6
	Não	166	86,9
	Não responde	1	0,5
Curso que Frequentam na FBAUL	Arte Multimédia	27	14,1
	CAP	23	12,0
	Escultura	35	18,3
	Desenho	28	14,7
	Design de Comunicação	29	15,2
	Design de Equipamento	19	9,9
	Pintura	28	14,7
	Estudos Gerais (FLUL)	2	1,0

Acerca do percurso no secundário podemos verificar que a maioria dos alunos provém do CCHAV (77,5%) e os restantes alunos, quase equitativamente, frequentaram EAEAV (11,0%) e outros cursos (11,5%). Do total dos 191 alunos,

12,5%, tiveram reprovações durante o percurso obrigatório de escolaridade e desses, 3% reprovaram mais do que uma vez.

Acerca do seu percurso na FBAUL, 12,6% do total dos alunos entrevistados, afirmou trabalhar para além de estudar. Quando questionados acerca das dificuldades sentidas à entrada na universidade, 92% afirmaram ter sentido dificuldades, podemos observar na Fig.4.3, que a maioria dos alunos refere ter sentido dificuldades a nível escolar (novo tipo de exigências, novos métodos de ensino)



Quando pedida uma auto-avaliação à preparação precedente na disciplina de História da Arte, verificamos que dos 154 alunos que responderam, 46,1%, afirmaram não se ter sentido preparados, na auto-avaliação à disciplina de Desenho, dos 189 respondentes 28,6% não se sentiam preparados e à disciplina de Escultura, dos 31 afirmaram não se sentir preparados 68,4%.

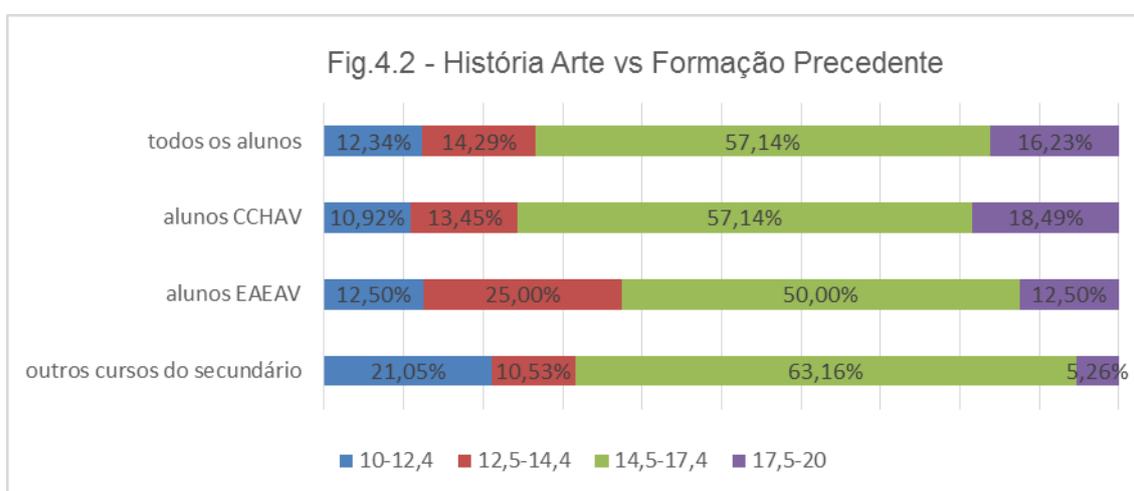
Quadro 4.3 – Percentagem de alunos que afirmaram não se sentir preparados às disciplinas de História da Arte, Desenho e Escultura

Falta de preparação			
	Total Resposta	Não Preparados	% Não preparados
HISTÓRIA DA ARTE	154	71	46,1%
DESENHO	189	54	28,6%
ESCULTURA	31	20	64,5%

4.2. Relação entre Variáveis

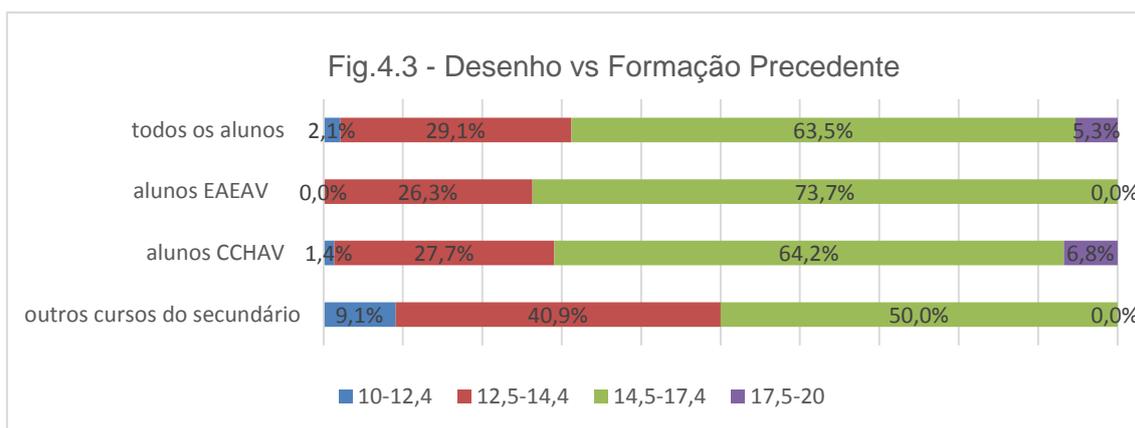
Formação precedente com classificações às disciplinas

Análise do cruzamento das classificações obtidas no primeiro semestre à disciplina de História da Arte e a formação precedente dos alunos da amostra. Conforme podemos observar na Fig.4.2, os alunos do CCHAV obtiveram níveis mais elevados nas classificações, sendo que 24,3% classificaram-se abaixo dos 14,4 valores e que 75,6% acima dos 14,5 valores; os alunos das EAEAV obtiveram classificações mais baixas, já que 37,5% obtiveram classificações abaixo dos 14,4 valores e 72,5% classificações acima dos 14,5; dos alunos que frequentaram outros cursos 31,6% obtiveram classificações abaixo dos 14,4% e 68,4% acima dos 14,5.



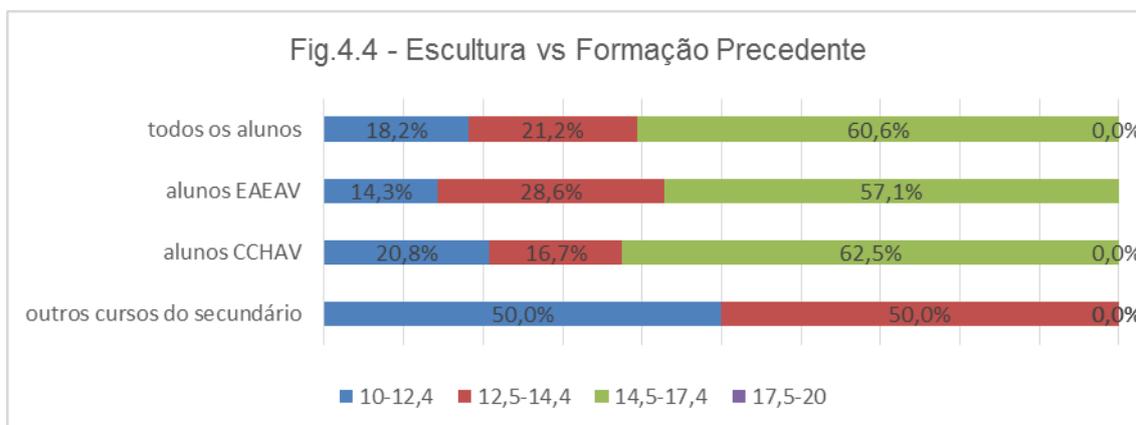
Nesta Fig.4.2 podemos observar que, depois do que foi escrito no enquadramento teórico acerca de tempo, trabalho e resultados, contrariamente ao que poderíamos esperar, os alunos das EAEAV obtiveram resultados menos elevados que os alunos de todos os outros cursos. De lembrar que os alunos das EAEAV frequentam a disciplina de História da Cultura e das Artes durante os três anos lectivos, enquanto que, os do CCHAV apesar de terem o mesmo programa e as mesmas horas, o fazem em apenas dois anos lectivos.

Análise do cruzamento das classificações obtidas no primeiro semestre à disciplina de Desenho e a formação precedente dos alunos da amostra. Conforme podemos observar na Fig.4.3, os alunos das EAEAV obtiveram níveis mais elevados nas classificações, sendo que 26,3% classificaram-se abaixo dos 14,4 valores e que 68,8% acima dos 14,5 valores; os alunos dos CCHAV obtiveram classificações mais baixas, já que 29,1% obtiveram classificações abaixo dos 14,4 valores e 71% classificações acima dos 14,5; dos alunos que frequentaram outros cursos, 50% obtiveram classificações abaixo dos 14,4% e 50% acima dos 14,5.



Nesta Fig.4.3 podemos observar que, apesar do que foi referido pelos professores de Desenho, os alunos das EAEAV, embora não tenham tido classificações acima dos 17,5 valores, obtiveram maior número de classificações acima dos 14,5 valores. De lembrar que os Professores de Desenho referiram que tecnicamente os alunos da EAE António Arroio não se evidenciavam dos outros e que havia escolas que preparavam melhor os alunos. No entanto referiram ainda que os alunos da EAE António Arroio tinham mais cultura visual e mais facilidade em interpretar os enunciados dos exercícios propostos.

Análise do cruzamento das classificações obtidas no primeiro semestre à disciplina de Escultura e a formação precedente dos alunos da amostra. Conforme podemos observar na Fig.4.4, os alunos dos CCHAV obtiveram níveis mais elevados nas classificações, sendo que 37,5% classificaram-se abaixo dos 14,4 valores e que 62,5% acima dos 14,5 valores; os alunos das EAEAV obtiveram classificações mais baixas, já que 42,9% obtiveram classificações abaixo dos 14,4 valores e 57,1% classificações acima dos 14,5; dos alunos que frequentaram outros cursos, 50% obtiveram classificações abaixo dos 14,4% e 50% acima dos 14,5.



Nesta Fig.4.4 podemos observar que, apesar do que foi referido pelos professores de Escultura, os alunos das EAEAV não obtiveram melhores classificações que os alunos do CCHAV. De lembrar que os Professores da disciplina referiram que os

alunos da EAE António Arroio apresentam mais conhecimento dos materiais, um pensamento mais estruturado e uma preparação mais conceptual.

Formação precedente com auto-avaliação da preparação anterior

Análise do cruzamento da formação precedente com a auto-avaliação da preparação à disciplina de História da Arte. No quadro 4.4 podemos observar que 44,8% dos alunos do CCHAV que responderam à questão afirmaram não se sentirem preparados para a disciplina, assim como 59,1% dos alunos provenientes de outros cursos, enquanto que das EAEAV, apenas 11,1% dos alunos afirmaram o mesmo.

Quadro 4.4 – Cruzamento da formação precedente com a auto-avaliação da preparação à disciplina de História da Arte

História da Arte			
Formação Precedente	Total Resposta	Não Preparados	% Não preparados
CCHAV	125	56	44,8%
EAEAV	18	2	11,1%
Outras	22	13	59,1%

Relembramos que os alunos das EAEAV foram os que obtiveram menos classificações acima dos 14,5 valores, em comparação com os alunos provenientes de todos os outros cursos.

Análise do cruzamento da formação precedente com a auto-avaliação da preparação à disciplina de Desenho. No quadro 4.5 podemos observar que 26,4% dos alunos do CCHAV que responderam à questão afirmaram não se sentirem preparados para a disciplina, assim como 59,1% dos alunos provenientes de outros cursos, enquanto que das EAEAV, apenas 9,5% dos alunos afirmaram o mesmo.

Quadro 4.5 – Cruzamento da formação precedente com a auto-avaliação da preparação à disciplina de Desenho

Desenho			
Formação Precedente	Total Resposta	Não Preparados	% Não preparados
CCHAV	148	39	26,4%
EAEAV	21	2	9,5%
Outras	22	13	59,1%

Relembramos que os alunos das EAEAV foram os que obtiveram mais classificações acima dos 14,5 valores, em comparação com os alunos provenientes de todos os outros cursos, embora não tenham obtido classificações acima de 17,5 valores.

Análise do cruzamento da formação precedente com a auto-avaliação da preparação à disciplina de Escultura. No quadro 4.6 podemos observar que 61,5% dos alunos do CCHAV que responderam à questão afirmaram não se sentirem preparados para a disciplina, assim como 50% dos alunos provenientes de outros cursos, enquanto que das EAEAV, apenas 42,9% dos alunos afirmaram o mesmo.

Quadro 4.6 – Cruzamento da formação precedente com a auto-avaliação da preparação à disciplina de Escultura

Escultura			
Formação Precedente	Total Resposta	Não Preparados	% Não preparados
CCHAV	26	16	61,5%
EAEAV	7	3	42,9%
Outras	2	1	50,0%

Relembramos que os alunos das EAEAV obtiveram menos classificações acima dos 14,5 valores, em comparação com os alunos provenientes do CCHAV e mais classificações acima dos 14,5 valores que os dos outros cursos.

Análise do cruzamento da escolaridade do grupo familiar com as avaliações superiores a 14,5 valores à disciplina de História da Arte. No quadro 4.7 podemos observar que apenas 70,3% dos alunos com grupos familiares com escolaridade de nível superior obtiveram classificações acima dos 14,5 valores, enquanto que 79,2% dos alunos com grupos familiares com escolaridade de nível básico e secundário obtiveram classificações acima dos 14,5 valores.

Quadro 4.7 – Cruzamento da escolaridade do grupo familiar com as avaliações superiores a 14,5 valores à disciplina de História da Arte

Classificações HA segundo Escolaridade Familiar												
	Total Resposta			CCHAV			EAEAV			Outras		
	<=14,4	>=14,5		<=14,4	>=14,5		<=14,4	>=14,5		<=14,4	>=14,5	
Básico+Secundario	11	42	79,2%	7	35	83,3%	2	4	66,7%	2	3	60,0%
Superior	30	71	70,3%	22	55	71,4%	4	6	60,0%	4	10	71,4%
Todos	41	113	73,4%	29	90	75,6%	6	10	62,5%	6	13	68,4%

Podemos observar que, contrariamente ao que foi estudado no ponto referente ao sucesso no ensino superior, os alunos com grupos familiares com escolaridade de nível superior não obtiveram mais classificações acima de 14,5 valores, que os alunos com grupos familiares com escolaridade de nível básico e secundário.

Análise do cruzamento da escolaridade do grupo familiar com as avaliações superiores a 14,5 valores à disciplina de Desenho. No quadro 4.8 podemos observar que 69,4% dos alunos com grupos familiares com escolaridade de nível superior obtiveram classificações acima dos 14,5 valores, enquanto que 67,7% dos alunos com

grupos familiares com escolaridade de nível básico e secundário obtiveram classificações acima dos 14,5 valores.

Quadro 4.8 – Cruzamento da escolaridade do grupo familiar com as avaliações superiores a 14,5 valores à disciplina de Desenho

Classificações Desenho segundo Escolaridade Familiar												
	Total Resposta			CCHAV			EAEAV			Outras		
	<=14,4	>=14,5		<=14,4	>=14,5		<=14,4	>=14,5		<=14,4	>=14,5	
Básico+Secundario	21	44	67,7%	17	36	67,9%	2	4	66,7%	2	4	66,7%
Superior	38	86	69,4%	26	69	72,6%	3	10	76,9%	9	7	43,8%
Todos	59	130	68,8%	43	105	70,9%	5	14	73,7%	11	11	50,0%

Mais uma vez, podemos observar que, contrariamente ao que foi estudado no ponto referente ao sucesso no ensino superior, os alunos com grupos familiares com escolaridade de nível superior não obtiveram muito mais classificações acima de 14,5 valores, que os alunos com grupos familiares com escolaridade de nível básico e secundário, sendo que a diferença é apenas de 1,7%.

4.3. A Experiência dos Professores

Apresentam-se em seguida os resultados das principais questões abordadas nas entrevistas.

Acerca das principais dificuldades sentidas na obtenção de sucesso dois professores dois professores apontam para o excessivo número de alunos para só um professor, os outros apontam a falta de concentração, a necessidade de rapidez por resistência ao tempo de concentração mais alargado e a imaturidade. Uma professora aponta que o curso de Escultura é muitas vezes a segunda escolha. Um professor aponta a preparação deficiente no secundário, outro afirma que não têm à-vontade com técnicas nem com materiais e dois consideram que os alunos da EAEAV António Arroio vêm melhor preparados.

Acerca do perfil de competências um professor de Desenho considera que os alunos vêm melhor preparados para a sua disciplina do que há uns anos atrás, enquanto o seu colega comenta os níveis culturais mais baixos. Nas entrevistas os professores de Desenho mencionaram o facto que a preparação técnica dos alunos depender muito dos professores que têm no secundário, nesse aspecto os que vêm das escolas artísticas não sobressaem, havendo escolas que têm professores que preparam melhor os alunos. Fazem, no entanto, notar que os alunos das escolas artísticas têm mais cultura visual e estão melhor preparados para a interpretação dos exercícios propostos Um professor observa a falta de conhecimentos em História da Arte.

Vários professores consideram que actualmente os alunos têm uma grande falta de cultura visual.

Todos os professores das disciplinas de Pintura e Escultura consideram que os alunos da EAEAV António Arroio apresentam mais conhecimento dos materiais, um pensamento mais estruturado e uma preparação mais conceptual. Todos os Professores encontram relação entre o percurso de formação precedente e o sucesso na sua disciplina.

CONCLUSÃO

A crise financeira, política e social tem provocado uma desvalorização das políticas artísticas e culturais. A situação em Portugal do ensino artístico, a diminuição da carga horária das disciplinas técnico artísticas no currículo dos cursos e a menorização das disciplinas artísticas no ensino obrigatório em relação a outras área de conhecimento, são evidentes no momento crítico que o nosso país atravessa. Sendo notório o desinvestimento tanto na Educação Artística como no Ensino Artístico Especializado.

Com este estudo tentou-se colmatar algum do desconhecimento acerca do ensino artístico especializado das artes visuais, fazendo a sua comparação ao curso científico-humanístico das artes visuais. Tenta-se entender quais as repercussões dos dois tipos de currículo quer no percurso, quer no sucesso dos alunos que transitam para o ensino superior, nomeadamente para a FBAUL.

A análise dos resultados deste estudo de caso revela-nos dados algo inesperados e que de alguma forma dão que pensar.

Os estudos internacionais relacionados com tempo, trabalho e resultados faziam supor, que os alunos das EAEAV obteriam melhores resultados que os alunos de outros cursos, já que a sua carga horária é muito maior e até mais distribuída ao longo dos três anos lectivos. Nos nossos resultados este aspecto não se verifica, ao nível das disciplinas teóricas como a História da Arte, mas verifica-se ao nível das disciplinas práticas como Desenho. De lembrar que os professores afirmam que estes alunos têm uma melhor formação: no conhecimento de materiais, maior cultura visual, um pensamento mais estruturado e uma preparação mais conceptual, assim como uma maior facilidade em interpretar os enunciados dos exercícios propostos, No entanto as diferenças dos resultados não são assim tão relevantes, como seria de esperar.

Quando analisamos as correlações entre os resultados e as condições sócio demográficas dos alunos, surge-nos uma nova surpresa: os estudos nacionais e internacionais relacionados com o sucesso no ensino superior estabelecem como factor preponderante a escolaridade do grupo familiar, sendo os alunos com grupo familiar mais escolarizado os que revelam maior probabilidade de sucesso, o que no nosso estudo não se verifica.

Outro dos factos analisados foi a auto-avaliação dos alunos em relação às dificuldades sentidas e à preparação precedente, a maioria dos alunos que referem não ter sentido dificuldades, e/ou considerarem ter uma boa preparação para as disciplinas, obtiveram muitas vezes qualificações inferiores aos que admitiram ter sentido dificuldades e não ter uma boa preparação.

Face a estes resultados, é visível que este estudo para além de nos proporcionar o maior conhecimento, apresenta-se como um caso não espectável face a um conjunto de convenções amplamente difundidas e aceites pela comunidade científica nacional e internacional, da área.

Importa assim tentar entender a razão destas discrepâncias, o que poderá conduzir à realização de um estudo equivalente, numa outra instituição de ensino superior, como a Escola Superior de Arte e Design das Caldas da Rainha, que sendo uma escola do Instituto Politécnico de Leiria, pressupõe um currículo menos “academizado” em comparação à FBAUL e mais dedicado às práticas.

A um estudo comparativo sobre os conteúdos das unidades curriculares e avaliação entre o praticado na FBAUL e nas EAEAV.

E ainda ao estudo sociológico sobre a relação entre as condições sociodemográficas e os resultados dos alunos da FBAUL.

BIBLIOGRAFIA

- Almeida, Ana Nunes et al (2013) *Sucesso, Insucesso e Abandono na Universidade de Lisboa: Cenários e Percursos*, Lisboa, Educa
- Alves, Nuno de Almeida (2014), "O desenvolvimento do ensino superior em Portugal – A década 2000-2010" em Costa, Lopes & Caetano (org.), *Percursos de Estudantes no Ensino Superior*, Lisboa, Mundos Sociais
- Alves, Natália, Maria Manuel Vieira, Ana Nunes de Almeida, Isabel André (2013), "Ficar, muda ou abandonar: trajetórias e perfis de mobilidade no ensino superior" em Almeida, Ana Nunes. et al, *Sucesso, Insucesso e Abandono na Universidade de Lisboa: Cenários e Percursos*, Lisboa, Educa
- APECV (2012). *Parecer da Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual sobre a proposta de Revisão da Estrutura Curricular*.
- APECV (2015). *Parecer sobre as Artes Visuais no Currículo*.
- Arnheim, Rudolph (1993), *Consideraciones Sobre la Educacion Artística*, Ediciones Paidós, Barcelona
- Clark, Douglas & Linn, Marcia C. (2003). "Designing for Knowledge Integration: The Impact of Instructional Time" *Journal of the Learning Sciences*, 12(4), 451–493.
http://doi.org/10.1207/S15327809JLS1204_1
- CNE. (2013). Diário da República, 2.ª série — N.º 95 — 17 de maio de 2013. *Diário Da República*, 4270–4273.
- Costa, António Firmino (1999) *Sociedade de Bairro*, Oeiras, Celta Ed.
- Costa, António Firmino e Lopes, João Teixeira (2014) "Introdução" em Costa, Lopes & Caetano (org.), *Percursos de Estudantes no Ensino Superior*, Lisboa, Mundos Sociais
- Costa, António Firmino., João Teixeira Lopes, Ana Caetano e Eduardo Rodrigues (2014) "Um modelo teórico e metodológico - Análise do sucesso, insucesso e abandono no ensino superior" em Costa, Lopes & Caetano (org.), *Percursos de Estudantes no Ensino Superior*, Lisboa, Mundos Sociais
- Costa, António Firmino., João Teixeira Lopes (2014) "Conclusão. Estrutura, contexto e agência nos percursos desiguais dos estudantes do ensino superior", em Costa, Lopes & Caetano (org.), *Percursos de Estudantes no Ensino Superior*, Lisboa, Mundos Sociais
- Costa, Lopes & Caetano (org.), (2014), *Percursos de Estudantes no Ensino Superior*, Lisboa, Mundos Sociais
- (DGEEC), D.-G. de E. da E. e C., & (DSEE), D. de S. de E. da E. (2015). *Estatísticas da Educação 2014/2015* (© Direção-). © Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC) (Vol. 1). Lisboa.
- Fernandes, Domingos, Jorge Ramos do Ó e Mário Boto Ferreira (2007). *Estudo De Avaliação Do Ensino Artístico*, Direcção Geral de Formação Vocacional do Ministério da Educação e Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
<http://hdl.handle.net/10451/5501>
- GONÇALVES, Luísa (2010) *O Ensino Artístico, o Artista e a Sociedade*, intervenção no Debate

- Regional sobre a Educação no Fórum de Ermesinde
- Good, T. L. & Beckerman, T. M. (1978) "Time on task: A naturalistic study in sixth grade classrooms", *The Elementary School Journal*, 73, 193-201
- Grupo de Avaliação e Acompanhamento da Implementação da Reforma do Ensino Secundário. (2007). *Recomendações*.
- Lopes, João Teixeira. & Costa, António Firmino (2014) em Costa, Lopes & Caetano (org.), *Percursos de Estudantes no Ensino Superior*, Lisboa, Mundos Sociais
- Mbuyamba, L. (2007). *Relatório Final sobre a Conferência Mundial sobre Educação Artística*, UNESCO Conference on Art and Education - 2006. Lisboa: Comissão Nacional da UNESCO, citado por Pereira, Rui Penha (2010) "Bem estar e Educação pela Arte", *Revista Portuguesa de Pedagogia*, ano 44-2, 21-37
- Nunes, Rita (2015) *Em defesa do Ensino Artístico Especializado*, intervenção no Congresso do SPGL
- Penha, Rui (2010) "Bem estar e Educação pela Arte", *Revista Portuguesa de Pedagogia*, ano 44-2, 21-37
- Perdigão, Madalena. 1981. *Educação Artística, Sistema de Ensino em Portugal*. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa
- Poirier, J.; Clapiervalladon, S. & Raybaut, P. (1983). *Les recits de vie – Théorie et pratique*. Paris: Puf. Pugeault, C. (1995)
- Silva, Augusto Santos (coord.) (2000), *A Educação Artística e a Promoção das Artes, na Perspectiva das Políticas Públicas. Relatório do grupo de contacto entre os Ministérios da Educação e da Cultura*, Lisboa, Ministério da Educação.
- Smith, B. (2000). "Quantity Matters: Annual Instructional Time in an Urban School System". *Educational Administration Quarterly* (Vol. 36). SAGE Publications. Disponível em <http://eaq.sagepub.com/cgi/content/abstract/36/5/652>
- UNESCO. (2006). *Roteiro para a Educação Artística*.
- Vaz, C. M. (2013). *A Educação, Os Jovens E O Mercado De Trabalho Artístico-Cultural Em Portugal: O Desafio*. Dissertação de Mestrado em Gestão Cultural. ISCTE Business School.
- Xavier, J. B. (2004). *Relatório Do Grupo De Trabalho Ministério Da Educação E Ministério Da Cultura*.

WEBGRAFIA

- <http://www.antonioarroio.pt> [Consultado 08-06-2015]
- <http://www.apecv.pt> [Consultado 15-10-2015]
- <http://www.belasartes.ulisboa.pt/> [consultado 26/08/2016]
- <http://www.cnedu.pt/content/antigo/images/stories/2013> [consultado 14/06/2016]
- <http://www.dge.mec.pt/ensino-secundario> [consultado 24/08/2016]
- <http://www.dge.mec.pt/cursos-cientifico-humanisticos> [consultado 24/08/2016]
- <http://eaq.sagepub.com/cgi/content/abstract/36/5/652> [consultado 10/02/2016]
- <https://www.essr.net> [Consultado 08-06-2015]

<http://www.infopedia.pt> [Consultado 11-06-2015]

<http://portal.iefp.pt> [Consultado 21-11-2015]

ANEXOS

A – Guião da Entrevista

B – Transcrição de Entrevista

C – Transcrição de Entrevista

D – Transcrição de Entrevista

E – Quadro de Análise de Entrevistas

F – Questionário

G – Caracterização Sociodemográfica dos Alunos

H – Formação Precedente e Situação Atual dos Alunos Inquiridos

A – GUIÃO DA ENTREVISTA

ENTREVISTA

Identificação

- Professor de que disciplina
- Há quanto tempo
- Regularmente lecciona o 1º ano
- Há quanto tempo lecciona o 1º ano
- No geral quais as principais dificuldades que sente na obtenção de sucesso dos seus alunos.
- Como resolve essas dificuldades

Trajecto no 1º ano

- Taxas de reprovação na sua disciplina
- Amplitude de qualificações na sua disciplina
- Qual é o perfil de competências dos alunos que ingressam na sua disciplina?**
- Encontra diferenças, quais?
- Consegue identificar as causas dessas diferenças?
- Se sim a que é que atribui essas diferenças?
- Ao longo do seu percurso enquanto docente desta disciplina tem verificado alterações nas competências dos alunos que aqui ingressam?
- (R: sim) Na sua opinião a que se devem essas alterações?
- Qual a sua opinião sobre os planos curriculares dos cursos do secundário que preparam os seus alunos?
- Nota que os alunos vêm com preparação notoriamente diferente, ou não?

Pode identificar as dificuldades sentidas pelos alunos que ingressam no ensino superior, nomeadamente na sua disciplina?

- Podem estar relacionadas com o perfil de entrada (preparação obtida no secundário)?
- Acha que os alunos que têm mais horas de aulas práticas, no secundário, vêm melhor preparados?

- Relaciona o sucesso na sua disciplina com o percurso de formação dos alunos?

- Na sua opinião quais os factores (relacionados com o percurso formativo dos alunos) que influenciam o seu interesse e desempenho
exemplo: quantidade de horas práticas, disciplinas, expectativas

A quantidade de horas práticas que os alunos têm no secundário pode influenciar o sucesso?

B – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Entrevista ao Professor 1 de Desenho do 1º ano

Eu – é professor de desenho do 1º ano, normalmente lecciona o 1º ano?

Prof – sim, tenho leccionado

Eu – há quantos anos?

Prof – há 15, para aí.

Eu- há 15? Isso é bom porque já tem uma perspectiva que me interessa, uma perspectiva quase histórica.

Prof – sim

Eu – Então diga-me uma coisa: quais é que são as principais dificuldades que encontra na obtenção de sucesso dos seus alunos?

Prof – bem.... há várias..... se calhar as 1^{as} têm a ver com o excesso de alunos, que nos últimos anos tem sido o problema principal, porque não pode haver um acompanhamento mais presente, mais individualizado, e portanto, isso pesa muito. Depois nos últimos anos, de facto, os alunos são mais infantis, se calhar, talvez... mais imaturos, é muito relativo, isso varia muito...mas.... talvez seja esse o... sejam essas as principais dificuldades.

Eu – e em termos de preparação?

Prof – a preparação.... a preparação não... varia muito também....mas eles agora vêm até muito bem preparados, do que por exemplo há alguns anos atrás... porque os currículos do secundário agora têm o desenho mesmo, durante 3 anos e isso acaba por pesar um pouco, favoravelmente até.

Eu – como é que normalmente resolve... quais são as suas estratégias para resolver essas dificuldades, para tentar resolver....

Prof – é muito caso a caso.... quer dizer , é muito... trabalho individualizado, normalmente o que.... Deixe-me explicar-lhe como é que a minha metodologia de trabalho, não é?...nós temos.... o primeiro ano é muito desenho de trabalhar o desenho a partir do desenho de observação, mas isso é um pretexto para trabalhar depois... muitos conteúdos que têm a ver com a linguagem do próprio desenho, não é?...e... normalmente eu faço uma apresentação prévia, oral, mostro exemplos... daquilo que é suposto os alunos trabalharem, seja sobre determinado conteúdo, a linha, a mancha, a textura, seja sobre outros aspectos. Normalmente mostro exemplos visuais, é muito importante isso,... aqui há uns anos consegui montar aqui um sistema na sala, de projecção de imagens, e isso é muito importante para eles verem exemplos, a exemplificação é muito importante. E portanto, há esse primeiro momento de apresentação, de explicitação, daquilo que são...daquilo que é suposto trabalharem, e depois há um tempo obviamente de trabalho, portanto isto funciona por sessões de 3 horas e nós vamos trabalhando

sempre sessão a sessão... com o trabalho às vezes pode ter continuidade para sessões diferentes, mas depois vai-se mudando sempre para novas coisas, não é? Durante o decorrer da aula, obviamente, vou acompanhando os desenhos e vou fazendo os ajustes e as conversas que são... vão sendo necessárias para que o trabalho vá seguindo a bom porto. Normalmente faço, ou a meio da aula, mas quase sempre no final, no princípio é quase sempre a meio da aula, agora mais para o final do ano que os alunos já têm, mais ou menos, uma rodagem piloto automático, normalmente fazemos no fim.... Faço a exposição dos trabalhos todos e toda a turma comenta os desenhos, faço observações sobre aquilo que está a ir bem, sobre aquilo que está a não ir tão bem, e portanto esse ponto da situação é muito importante para os alunos irem aferindo a evolução do trabalho, e pronto, o esquema é mais ou menos este, depois há sempre umas avaliações...(olá, viva)... umas avaliações intermédias... em que se faz isso... mas o esquema é esse e vai funcionando bem, não é? E depois há sempre alunos que me pedem coisas mais.... aconselhamentos mais específicos, não é.... Portanto vamos trabalhando assim dessa maneira....

Eu – qual é que é a taxa de reprovação aqui na sua disciplina, mais ou menos...

Prof – Acho que não há....é assim.... Não há taxa de reprovação já há muitos anos, porque a partir do momento em que os alunos trabalham, e este trabalho implica uma presença física, não é, uma presença de..., a partir do momento em que haja acompanhamento, é raríssimo haver reprovações, a menos que os alunos não venham, não é?

Eu – Então e qual é a amplitude das notas?

Prof – das notas.... Eu por acaso fazia esse exercício, de fazer aquela coisa da curva de Gauss e das médias, mas anda mais ou menos pela média entre os 14, 14,5, 15 às vezes, obviamente depois há alunos que se destacam, não é? E há outros que são mais....

Eu – e agora falando nos alunos, qual é que é o perfil dos alunos que lhe passam pelas mãos, mais ou menos.

Prof – perfil em que sentido?

Eu – Bem.... estamos a falar de alunos do primeiro ano, portanto, em princípio é o perfil de entrada. O que é que eles trazem de trás, consegue notar algumas diferenças?

Prof – Sim, depende muito das turmas. Como as turmas estão divididas por licenciatura, não é?.... eu neste momento tenho duas turmas juntas aqui. No 1º semestre tive só uma turma de desenho, são as turmas de desenho, ... as turmas de desenho são alunos mais preparados, porque já vêm mesmo para aquilo que querem. As turmas de CAP, de Ciências de Arte, são alunos que muitos deles foram para CAP porque não conseguiram entrar nas outras licenciaturas, portanto são turmas mais heterogéneas. Não é que isso seja mau, às vezes gosto mais, porque tem alunos.... tem grandes desníveis, mas tem alunos muito interessantes, muito.... essa diversidade é muito interessante. Mas fazendo assim um quadro

genérico, eu diria que são... há alunos bem preparados, há alunos com uma cabeça muito boa, mas depois há alunos ainda muito imaturos, ainda.

Eu – Nota diferenças na preparação dos alunos?

Prof – Sim....grandes diferenças....

Eu – E a que é que atribui essas diferenças?

Prof – Muitas vezes são os professores que apanham, na formação anterior... não é....por exemplo alunos.... nós apanhamos alunos, para já, alunos com.... Nem todos têm a mesma formação de artes visuais, cada vez há mais alunos que vêm de outras áreas, que também não é necessariamente um problema. Depois há muitos alunos que vêm de artes visuais, mas tiveram percursos muito complicados, não tiveram....tiveram professores muito diferentes e portanto não tiveram uma formação bem preparada e portanto há preparações muito diferentes de facto.

Eu – E tem verificado algumas alterações no perfil dos alunos ao longo dos 15 anos? Já me disse qualquer coisa acerca disso, mas gostava que....

Prof – sim????

Eu – Já me disse que acha que eles agora vêm um bocadinho melhor preparados porque têm a disciplina de desenho....

Prof – sim, mas isso já está sedimentado há muito tempo.... Essa disciplina de desenho já.... Eu lembro-me que em 2002, foi quando eu comecei, os meus primeiros anos aqui de desenho, eles ainda tinham era sobretudo oficina de artes, portanto tinham essa formação mais de artes plásticas, não tinham tanto a disciplina de desenho, não é? Mas isso é um problema que a partir de 2006/7 acabou por se sentir essa diferença, um bocadinho mais preparados. Eu diria que, aquilo que sinto mais, (mas não sei se sou eu que estou a ficar mais velho ou não), é de facto essa maior imaturidade dos alunos, maior.... alguma falta também de cultura visual, de preparação de bases, se a gente falar de autores, eles não sabem quem são, autores até básicos, às vezes..., repare no exemplo de Degas, ou no exemplo de.... eles não sabem quem é, isso choca-me um bocadinho.... Essa falta de preparação mais de base, tem a ver com referências de.... É sobretudo isso que eu sinto mais, cada vez estão mais...mas é tudo muito relativo.... Eu costumo dizer que os alunos são como o vinho, há anos *vintage* e há anos menos bons.

Eu – Mas... tem notado alterações, mas Está a par do percurso que eles fazem no Secundário, das transformações que tem havido no percurso do Secundário

Prof – Sim. Eles têm.... Como eu disse houve esse....desde a reforma dos currículos, não é, eles dantes tinham Materiais e Técnicas de Expressão, o Oficina de Artes e depois mais uma série de coisas, depende dos cursos tecnológicos ou dos cursos gerais, não é? Mas a disciplina base que agora constitui a formação deles, para entrarem, por exemplo nas Belas Artes, é o Desenho, é a Geometria Descritiva, é a História das Artes e da Cultura. Essencialmente é essa a formação de base de um aluno de Artes Visuais. Sim estou a par, vou acompanhando, sim.

Eu – Nos dois últimos anos, três últimos anos houve outra vez mudanças. Notou alguma diferença?

Prof – Sim, mas o Desenho continua na mesma. Não muito. O Desenho continua na mesma. Não é o mesmo programa? Que eu saiba é.

Eu – É. Mas são menos horas-

Prof – Não sei se são menos horas. Do que eram dantes? São seis horas ou nove, já não sei....

Eu – São 5 horas. Neste momento são 5 tempos.

Prof – É capaz, não sei.

Eu - Aqui há 3 anos atrás dava para se dividir as turmas.

Prof – Mas está a falar da António Arroio?

Eu – Não, não. Estou a falar do Curso Geral de Artes. Aqui há 3 anos atrás havia a possibilidade de desdobramento, agora são só 5 tempos e só em 2 é que se pode fazer o desdobramento.

Prof – Sim, sim eu sei disso. É verdade é. Eu sei isso porque a minha mulher é professora de Artes Visuais do Ensino Secundário.

Eu – Mas, não notou nenhuma diferença

Prof – Não, não é por aí. Não me parece que seja por aí... Como lhe disse, eu noto mais diferenças, por exemplo, de... E já tenho, mais ou menos essa percepção, de alunos que vêm de determinada escola ou de determinado professor, porque têm lá de facto bons professores. Por exemplo, o ano passado tivemos 3 ou 4 alunos que vinham da mesma escola, da mesma turma e vêm com uma preparação muito boa, porque tiveram um bom professor, provavelmente. Este ano tenho 5 ou 6 alunos que vêm de uma turma de Setúbal, têm uma preparação mesmo muito boa. Portanto, o que é que faz a diferença aí, não é o programa, não é o.... São de facto os professores que se apanham. Eu ainda acredito muito que o papel do professor é o principal, pode haver programas e não sei o quê, mas a maneira como se dá e como se pega depois nos alunos é que é o principal.

Eu – Então e qual é que é a sua opinião acerca da quantidade de horas práticas que os alunos têm? Acha que ter mais horas práticas não prepara melhor os alunos?

Prof – Não é isso que faz a diferença, na minha opinião, porque.... Lá está, porque eu tenho alunos que têm as mesmas horas práticas e os resultados são absolutamente.... Se um professor não fizer nada com eles ou fizer uma coisa que passe completamente ao lado essas horas práticas são inconsequentes, não é? Às vezes até era, de facto, mais importante não ter só horas práticas, ter outra formação de também de base, de cultura visual, da história das artes e da cultura, por exemplo.

Eu – Mas essa disciplina não é obrigatória, portanto eles podem escolher....

Prof – Mas devia ser, devia ser. Eu quando entrei aqui na Faculdade.... Nós tínhamos que entrar com as 3 disciplinas, tinham o mesmo peso, era Geometria Descritiva, História da Arte e Desenho. E portanto os alunos tinham que ter essa formação. Em História da Arte tínhamos que saber isso tudo. Eles hoje podem entrar.... Podem entrar sem nenhuma formação artística até.... Há uma grande abertura nesse sentido. Estava a perguntar-me, especificamente, se faria a diferença eles terem mais horas de trabalho prático ou não....

Eu – É assim, as aulas de Desenho podem não ser totalmente práticas. Quando falamos em horas práticas, será em aulas de teor prático. As suas aulas de Desenho são consideradas práticas e no entanto também lhes fala, também lhes mostra....

Prof – São teórico-práticas.

Eu – São teórico-práticas e é nesse aspecto, não é só no aspecto de....

Prof – É assim, eu acho que isso é uma evidência, que quanto mais dedicação a determinada área houver, à partida os resultados serão mais aprofundados, serão mais trabalhados, portanto obviamente haverá mais uma propensão para o sucesso. Agora se isso se mede por mais meia hora, ou mais uma hora e meia que se perdeu, ou que se pode eventualmente vir a ganhar, não tenho.... Não sei se é por aí. Mas sim, à partida quanto maior for o tempo de dedicação, maior é a preparação.... isso é uma evidência.

(Pausa) (Agradeço a entrevista e digo ao Professor qual é o teor da minha investigação)

Eu – (...) estou a tentar perceber se há diferença entre os alunos do Curso Geral de Artes e os da António Arroio.

Prof – Eu diria que essa diferença é mais pela parte conceptual, não tanto pela parte manual, ou de técnica, ou de Por exemplo, eu dizer que os alunos que vêm da António Arroio, por exemplo, por terem uma carga maior de investimento prático, vêm mais preparados em termos práticos, sim, nalguns casos, isso é absolutamente evidente, noutros nem tanto, há casos até muito mal preparados, mas o traço distintivo que eu identifico mais é sobretudo essa preparação mais conceptual. Têm uma cabeça que pensa melhor os problemas, que não se questiona.... Porque o primeiro ano é um ano de embate, é um ano de muita confrontação com muitas coisas que vêm adquiridas, depois há tiques.... Há preconceitos que vêm muito enraizados que às vezes é preciso desbloquear tudo, portanto.... E os alunos da AA têm muito mais.... Esse trabalho já está muito mais desbloqueado, têm mais cultura visual, de uma maneira geral, nessa vertente estão muito mais preparados. Lá está, porque esse trabalho prático que eles têm a mais, também são confrontados com questões teóricas, não é só trabalho prático, é sobretudo trabalho de resolução de problemas.

C – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Entrevista ao Professor 1 de Escultura do 1º ano

Eu – Estamos a entrevistar o Professor...

Prof – Sou professor de Escultura I e II, II e IV e Modelos II.

Eu – E regularmente lecciona o primeiro ano.

Prof – Não, eu lecciono o primeiro ano há dois anos, este é o segundo ano. Leccionei o primeiro ano antes de ter entrado o....esquema, não é esquema....como é que se chama...

Eu – Bolonha?

Prof – Bolonha, em que eram os cursos de cinco anos e no primeiro ano havia uma cadeira comum, que se chamava Introdução às Artes Plásticas e Design, em que havia alunos de todas as áreas e depois é que havia a divisão para....uns para Design e outros para as Artes Plásticas.

Eu – Quais são as principais dificuldades que encontra na obtenção de sucesso dos seus alunos?

Prof – A concentração, a ansiedade, aliás, a falta de concentração, a ansiedade....a ansiedade no sentido de querer ver as coisas feitas rapidamente, não é? Por outro lado, também há uma...é o resultado rápido e as coisas têm que sair bem à primeira...aquela parte da experiência, também do gozo do fazer, do pensar fazendo e do fazer pensando, é uma coisa que eles não entendem, acham que há um pensamento que é dissociado do fazer, e então como há essa dissociação depois as coisas... como só funcionassem... há uma ideia que existe, para eles é uma coisa muito importante....eles vêm sempre – eu tenho uma ideia, quero mostrar-lhe a minha ideia – não estão a mostrar nada, estão apenas a... é um monólogo, não é?... e depois têm o fazer, que é uma coisa que parece que não tem nada a haver com a ideia e depois como não manipulam bem os materiais nem têm tecnicamente, como é óbvio também, são alunos do primeiro ano, não têm muito à vontade, nem com técnicas, nem com materiais, aquilo depois então também provoca muita frustração porque a coisa não....a forma não liga com o conteúdo e vice versa....

Eu – E como é que costuma resolver essas dificuldades? Quais são as suas estratégias?

Prof – É com muita insistência, com paciência, exacto, com paciência. Mas é difícil porque eles depois também fogem, se nós lhes exigimos algum trabalho, eu digo algum trabalho, porque pode não ser assim tanto, eles fogem. Eles fogem.....eles fogem porque....é uma coisa esquisita, porque eles por um lado gostam de...gostam, porque alunos depois já de anos mais avançados falam comigo e dizem isso....gostam de alguma disciplina, mas se nós lhes exigimos essa disciplina eles fogem e como não há faltas, nem mapa de presenças, a coisa fica ali...depois aparecem com os

trabalhos já feitos, como se a nossa função aqui fosse legitimar supostas obras de arte, que não são, para nós são resoluções de exercícios e interessa-nos mais.....a mim interessa-me mais o processo do que propriamente o resultado final. Depois é uma coisa que tinha a ver com essa, que é a disciplina e é a exigência, que há falta de exigência, mas quando há exigência da nossa parte eles também fogem um pouco, parece que estão pouco habituados a um grau qualquer de exigência. Também há uma coisa que é....., não há....têm medo da reflexão, eles não refletem sobre aquilo que fazem, eles....é uma espécie de uma defesa também que encontram, não é? Aquilo sai-lhes quase....acho que eles acreditam muito nas questões de génio, que as coisas saem quase iluminadas por deus, não é? Não existe um trabalho árduo que é preciso ser feito e uma disciplina certa, num ritmo de trabalho que tem que ser criado, que tem que ser desenvolvido, e em função desse ritmo de trabalho é que as coisas vão surgindo, mais e mais e mais e a criatividade também é assim que se encontra. E depois não há reflexões em relação àquilo que fazem....há uma resposta muitas vezes que eles fazem, quando os confrontamos com os trabalhos que eles apresentam, que é dizer: “mas eu assumo isso”, só que a questão da assunção não tem a haver com eles assumirem ou não. O trabalho depois tem que ser visto autonomamente, e é o trabalho que formalmente tem que assumir aquelas questões, e depois há desfasamento. Mas pronto é uma aprendizagem, não é?...são anos muito iniciais....

Eu – Pode só dizer-me quais são as taxas de reprovação na sua disciplina?

Prof – não são muito grandes, não são muito grandes as taxas de reprovação, não são muito grandes....também há uma questão que tem que ser vista, as avaliações são feitas por vários professores, e o facto de serem feitas por vários professores serve mais ou menos para isso, para contrabalançar....

Eu – E as amplitudes das classificações?

Prof – Eu tento....mas é como lhe digo....eu só dou aulas agora, este é o segundo ano que dou aulas ao primeiro ano....e por um lado os níveis de exigência....eu estava um bocado já desfasado do nível a que se encontra..., o nível médio de alunos que se encontra no primeiro ano, que é um nível muito inicial....

Eu – Mas já tinha dado aulas ao primeiro ano...

Prof – mas já tinha sido há muitos anos, foi logo no início da minha carreira.

Eu – Mas nota alguma diferença?

Prof – Grande, muito grande. Miúdos muito mais infantis agora....mais infantis, menos concentrados.

Eu – E em termos de preparação?

Prof – Também, há muito menos maturidade. Sim, sim. Dá ideia que eles experimentam muito pouco ao nível dos materiais tridimensionais, no secundário. Não sei se é....não procuro encontrar razões, mas tanto podem ser por....sei lá, por...os professores podem não ser da área, sei lá... podem ter formação em arquitetura, ou formação em pintura, ou pura e simplesmente porque é mais fácil pôr os alunos a trabalhar com folhas de papel A4 e lápis de grafite, do que encontrar outras...

Eu – E dentro, dentro dos alunos do primeiro ano, agora, sem irmos lá atrás, que diferenças é que nota nos perfis de competências deles?

Prof – Entre cada um, mais ou menos?

Eu – ...em princípio deve notar mais ou menos....

Prof – Há alunos que vêm muito bem preparados, e há alunos que vêm muito mal preparados. Por exemplo há umas coisas que.... Para eles é-lhes muito difícil ter pensamento escultórico, não é pensamento tridimensional, porque isso é uma coisa....para mim o pensamento tridimensional é uma coisa relativamente básica, a partir do plano para a tridimensão, como quem faz uma roupa ou como quem faz um sapato. Nesse aspeto eles conseguem, mas agora pensamento escultórico enquanto um vazio que é ao mesmo tempo cheio, ou uma forma que existe...o vazio que é ao mesmo tempo cheio é uma forma que existe no espaço, que tanto pode ser um vazio no caso, por exemplo da modelação em barro, em que há uma estrutura ou não, ou uma forma que está encerrada numa outra determinada forma como por exemplo um bloco de pedra ou um bloco de madeira, não é? E é esse pensamento escultórico que eles não têm. Se for um bloco de pedra ortogonal eles poderão começar a inscrever a forma, quase como se estivessem a trabalhar um relevo, mas não conseguem depois ver a outra face, não é a outra face que está a....é a outra face que está a 90 graus, ao lado. Eles não conseguem conceber isso assim. Do plano para a tridimensão, depois são sempre abordagens mais geométricas, pouco orgânicas, são dobragens, cortes e dobragens,etc..., eles conseguem. Mas isso é uma abordagem que a mim me parece muito pouco....muito básica, é pouco escultórica, é mais....é tridimensional mas não....quer dizer, e é escultórica, mas não é aquele pensamento escultórico enquanto massa, enquanto volume, enquanto formas que se compõem umas com as outras, não!, fica sempre assim uma coisinha de planos, de caixa de fósforos...

Eu – Então, considera que há diferenças entre os perfis de entrada dos alunos, há uns que vêm mais bem preparados e há outros que vêm menos bem preparados. E qual é a razão para isso? Tem alguma justificação ou consegue ver, por exemplo, se está relacionado com as horas, com os professores, com os cursos que eles trazem...

Prof – Tem a ver por um lado com as escolas/professores, porque há professores que independentemente das escolas que tenham, ou dos meios que tenham, conseguem ver....eles conseguem...podem fazer escultura com terra....podem fazer escultura com qualquer coisa. Têm muito...o professor é um....no ensino o lado humano é uma coisa fundamental, podem ter milhares de meios, a escola pode ter todos os meios disponíveis e os alunos, pura e simplesmente não aprendem nada porque o professor que lá está não....

Eu – Mas está a par do curso...de agora dos novos programas, dos planos curriculares do secundário'

Prof – Estou mais ou menos a par dos planos curriculares sei que os conteúdos são muitos, são densos, não há propriamente possibilidade de paragens e reflexão e de pensar naquilo que se está a fazer, é uma espécie de debitar de matéria, para corresponder àquilo que é exigido pelo Ministério da Educação, mas, por exemplo, eu tenho arguido algumas teses de ensino e eu acho perfeitamente milagroso o que

alguns professores conseguem fazer com os conteúdos que lhes são exigidos dar, pelo Ministério. E fazem trabalho...um trabalho excepcional, está bem que é no âmbito de um estágio e são um tempo limitado do ano lectivo, mas conseguem fazer trabalhos excepcionais.

Eu – E quanto às escolas artísticas, nota....

Prof – Vêm mais bem preparados.

Eu – Nota alguma diferença nos alunos que vêm das escolas artísticas?

Prof – Escolas artísticas é a António Arroio....

Eu – A António Arroio e a Soares dos Reis.

Prof – A Soares dos Reis, da Soares dos Reis eu não sei se tenho aqui, se temos aqui algum aluno. Se bem que ultimamente temos recebido alunos do norte, porque no Porto já não há Escultura, é Artes Plásticas, porque eles querem uma formação mais clássica. Os alunos da António Arroio vêm muito bem preparados, mesmo ao nível do pensamento, porque há umas...uma parte, acho que é do último ano, em que eles têm que apresentar um projecto e é um júri....e têm...sem dúvida que se destacam, têm outro nível de pensamento e a abordagem que têm em relação também ao...aos....aos objectos que vão realizando, aos trabalhos que vão...aos exercícios que vão finalizando, têm uma outra abordagem.

Eu – E se formos verificar a carga horária dos alunos da António Arroio e da Soares dos Reis e compararmos com a dos alunos Curso Geral de Artes, as diferenças são notórias, não é? Eles têm muito mais aulas de cariz prático e teórico-prático, as aulas de Projecto e Tecnologias enquanto que os alunos do Curso Geral de Artes têm cinco tempos semanais da disciplina de Desenho

Prof – Depois têm a disciplina de Oficina de Artes...

Eu – Que é só no décimo segundo ano....uma hora e meia por semana.

Prof – E que faz alguma diferença, quanto a mim...

Eu – Mas que é só no décimo segundo ano e é uma hora e meia por semana. Dantes é que havia a Oficina de Artes

Prof – Sim, sim, sim....eu lembro-me de dar aos miúdos do sétimo ano, uma coisa muito simples, umas coisas em gesso, assim com um material...

Eu – Sim mas em 2002, 2003, antes havia a disciplina de Oficina de Artes, que era uma disciplina que tinha sete, oito ou nove horas semanais, se não me engano. Agora é só no décimo segundo e tem só uma hora e meia por semana.

Prof – E a questão é que nas escolas artísticas, tanto a António Arroio como a Soares dos Reis, são escolas cem por cento vocacionadas para as Artes Plásticas, portanto há uma dinâmica que se cria entre os vários conteúdos, que lá são dados, entre os vários cursos que há lá – imagem, artes do fogo,...já não me lembro.....texteis,

exatamente, ourivesaria...já não tem aquelas madeiras....antigamente havia Design de Equipamento....

Eu – NãoTêm RPE que é Representação Plástica do Espectáculo.

Prof – Pois...

Eu – Em RPE trabalham imensos materiais.

Prof – E é uma dinâmica que se cria, porque depois eles todos convivem uns com os outros e independentemente do curso que estejam a fazer, toda a gente aprende com todos, não é? E os outros têm....,não é que isso seja mau, que tudo é bom, e é essas dinâmicas mesmo que se criam entre os que são de Economia e os que são de Artes e os que são de Humanísticas. Depois parece que se começam logo ali a criar uns ódios de estimação entre os outros e os de Artes são os maluquinhos da escola, os de Humanísticas são aqueles que não querem estar presos foram para Humanísticas e os de Economia que são aqueles que vão salvar o mundo, salvar o mundo economicamente, quando é ao contrário, não é? Mas pronto....isso também é interessante, mas não há dúvida que se tivermos uma escola em que estão todos, mais ou menos sintonizados a pensar numa determinada coisa e onde se explora...mais se explora a criatividade, não é?....é óbvio que aí saem outras....saem outras pessoas.

Eu – Pronto, eu acho que não tenho assim mais nada para lhe perguntar. Agora já lhe posso dizer em que é que consiste a minha pesquisa. Então aquilo que eu estou a tentar perceber é se os alunos que saem das escolas artísticas, quando entram para as Belas Artes vêm mais bem preparados, ou não, do que os alunos do Curso Geral de Arte.

D – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Entrevista ao Professor 2 de Desenho do 1º ano

Eu – Professor de Desenho do 1º ano. Há quanto tempo lecciona o desenho do 1º ano?

Prof – Nesta escola ou no geral?

Eu – Nesta escola.

Prof – Nesta escola, há cerca de 13 anos, no geral.... Já sou professor há 22 anos.

Eu – Quer dizer que já tem um *background*... Quais são as principais dificuldades que encontra na obtenção de sucesso dos seus alunos?

Prof – Neste momento tem mesmo a ver com os níveis de concentração...eu acho que essa é a dificuldade maior nestas gerações mais recentes. Regra geral os alunos estão habituados a produzir trabalhos de uma forma muito rápida. Tudo aquilo que solicita um tempo de concentração mais alargado, eles têm resistência. Isso normalmente é ultrapassado com o contacto com os materiais, com a exemplificação, com o promoção de situações onde a ligação entre o gesto, o pensamento e o olhar seja mais efectivo. Eu acho que esse é o grande desafio. E isso acontece na área das Artes Plásticas, mas eu acredito que também acontece noutras áreas da criação artística, nomeadamente na leitura, que eu sinto também que há um défice muito grande nestas gerações mais recentes

Eu – Isso quer dizer que nota mesmo diferença entre os alunos, de há 10 anos atrás e os alunos de agora?

Prof – Incomparável, não tenho dúvida nenhuma sobre isso.

Eu – Mas, e essas diferenças.... Consegue...

Prof – Têm a ver com níveis culturais. Eu tive alunos nesta escola, há 12- 13 anos quando comecei a leccionar, que neste momento desenvolvem a sua actividade profissional, como artistas, ou como artistas e professores, a maior parte, ou alguns que estiveram bastante tempo fora, nomeadamente em programas como o Erasmus, como o Leonardo, muitos que viveram ou continuam a viver no estrangeiro, uns em Berlim, outros em Londres, outros em Nova Iorque, etc... e o nível cultural desses alunos era absolutamente excepcional, absolutamente excepcional.... É incomparável com o que se passa hoje....

Eu – E acha que isso tem, de alguma forma, a ver com o perfil de entrada dos alunos?

Prof – Tem tudo!!!

Eu - Quais são os perfis de entrada aqui na faculdade?

Prof – Tem a ver com hábitos que se alteraram, mesmo, ou seja, esses alunos eram, regra geral, alunos que liam imenso. E hoje em dia.... por exemplo, eu tenho um exemplo aqui, porque dou algumas aulas a alunos de Estudos Gerais, que é um curso

em parceria com a Faculdade de Belas Artes, a Faculdade de Letras e a Faculdade de Ciências. E, por exemplo, esses alunos de Estudos Gerais, muitas vezes, têm menor preparação a nível do Desenho, mas têm uma preparação extraordinária a nível da literatura. E isso conta. Não se formam só artistas com intuição, não se formam só artistas com técnica, formam –se artistas com a cultura que eles vão absorvendo. E isso passa pelos conhecimentos que, por exemplo, esses alunos de Estudos Gerais têm da literatura clássica, eles estudam os clássicos, passa pelo estudo da Mitologia, por exemplo, que é uma coisa que hoje é completamente impensável, mas que até na formação clássica dos artistas ao nível das academias era absolutamente central. E não era por acaso, quer dizer, lembro-me de ler há uns anos num livro precioso do Rudolf Arnheim, “Considerações Sobre o Ensino Artístico”, é precioso, um livro essencial.... ele dizia isso mesmo, dizia que.... Se ele tivesse que escolher, o que é que era essencial numa escola.... (....) refere o ensino do desenho, dá o exemplo das *Metamorfoses* de Ovídio e tudo o que tenha a ver com as possibilidades da imaginação, ou de pensar a hipótese de transformar as coisas. São questões essenciais. Isso é o que está a faltar muito a esta geração, percebe? Apesar de eu não gostar de generalizar e haver sempre um risco nas generalizações, mas o facto de haver, em muitos casos, um acesso relativamente facilitado a uma série de coisas, acaba por ter um efeito perverso, ao nível da capacidade de imaginar, de aceder a outros imaginários, mais do que imaginar, isso é redutor e isso acontece com muita frequência.... Eu se calhar estou a desenvolver demais cada resposta...

Eu - Não, não.... eu é que tenho que andar aqui a rodear.... Quanto ao perfil de entrada dos seus alunos..... nota alguma diferença, entre eles, quando chegam a si, no primeiro ano?

Prof- Nós aqui na escola, e isso é uma das vantagens da Faculdade de Belas Artes, e eu diria das escolas públicas em geral, e eu sou um defensor da escola pública, muito também por causa disso, há um cruzamento no perfil dos alunos, do ponto de vista social, da origem geográfica, etc.... e essa multiplicidade de origens é uma riqueza, é uma riqueza mesmo. E esta escola toda a vida teve isso, eu acho... e isso mantém-se. Acho que isso é um valor, nós temos muito.... apesar de existirem cursos similares no Alentejo, no Algarve, no Porto, no Oeste, etc... nós temos alunos de todas essas paragens, temos muitos alunos do Alentejo, temos muitos alunos que vêm de Trás-os-Montes, temos alunos das Beiras, temos alunos do Algarve.... Isso é um valor.

Eu – Esses alunos, eles vêm de diferentes....

Prof – De estratos sociais muito diferentes

Eu –, mas não só.... Por exemplo, em termos de competências, de competências escolares, eles vêm de formações diferentes....

Prof – há formações muito diferentes.... acontece com muita frequência, nós já sabemos, por exemplo, quando há um professor que faz um trabalho.... Há vários professores, felizmente, a fazerem trabalhos maravilhosos ao longo do país, mas nós sabemos, que ,por exemplo, há o trabalho excelente que está a ser feito em Évora, nós sabemos isso. Nós sabemos o trabalho excelente que está a ser feito em Setúbal, nós sabemos isso. Nós sabemos o trabalho excelente que é feito na António Arroio, sabemos isso. Às vezes dentro das escolas, há... pelo trabalho específico que é feito

por determinados professores, que de facto, e isso é a paixão que eles são capazes de passar aos alunos por aquelas áreas artísticas e pelo conhecimento efectivo que transmitem, e do ponto de vista da preparação, isso faz com que, de repente, nós tenhamos, frequentemente, alunos que são provenientes dessas escolas, com uma qualidade acima da média. E aí a formação tem de facto impacto.

Eu- E está a par dos currículos e do...

Prof – Sim, de um modo geral...

Eu- de um modo geral está a par dos currículos do secundário.... E tem a noção de alguma....de como é que os alunos são preparados...

Prof – Eu tenho um certo sentido crítico, relativamente ao menor tempo que é dedicado ao desenho de observação. Esse é o elemento crítico....

Eu – Tem notado, tem noção da diminuição das horas, dos tempos lectivos que foram dados ao curso geral de artes?

Prof – Sim, sim até como acompanhei....

Eu – Nota alguma diferença nos alunos, nos últimos anos, por causa disso?

Prof – Depende muito das escolas, percebe? Eu não consigo generalizar, houve uma alteração que foi feita a nível dos programas, inclusive com a participação de colegas meus aqui da Faculdade, e isso teve um efeito muito positivo, nomeadamente a questão que eu estava a referir em relação ao desenho de observação, pronto. E durante dois, três anos, notou-se... Depois há, do meu ponto de vista (posso estar a ser injusto, evidentemente) mas há, em muitos casos, uma preocupação enorme com os resultados, que eu compreendo que resulte até do funcionamento das escolas e do modo como as coisas são avaliadas, mas mais importantes do que os resultados finais, do ponto de vista das obras acabadas, etc.... mais importante que isso é o modo como os alunos são preparados para mais do que olhar, ver a realidade... Goethe até dizia que olhar é inútil sem ver. E é muito disso que se trata, não é?... Há muitas situações em que a preparação passa muito por, por exemplo, uma coisa tão simples como estar a desenhar a partir da observação directa. Há muito desenho feito a partir de fotografia, por exemplo, não tem mal nenhum... se não for só isso... agora, quando isso se torna o pretexto para todo e qualquer trabalho, que no fundo acaba por nivelar a realidade, retirar profundidade, retirar acesso ao espaço, etc... tudo isso depois tem um efeito altamente negativo. E muitas vezes o que leva a essas opções tem a ver com a preocupação com o resultado final, com o lado mais impactante da imagem. Eu penso que passa por aí, eu não estou a censurar, mas muitas vezes isso é o que acontece. O desenhar obriga a uma grande disciplina, de facto...

Eu – Mas também temos que contar com a diminuição da carga horária....nestes últimos tempos...

Prof - Pois..., isso também tem um efeito altamente negativo.

Eu – Para além de que até há dois ou três anos atrás era possível dividir as turmas, à volta de vinte e oito alunos ainda dava para dividir, agora a divisão é só feita em dois ou três tempos, eles têm cinco tempos de desenho....

Prof – Por isso é que eu tenho muito....por isso é que eu tenho mesmo muito pudor e muito cuidado nas críticas que faço. Porque, porque sei o quão difícil é gerir essas situações. Eu vejo, por exemplo, as pessoas que eu tenho acompanhado no Mestrado de Ensino Artístico, que fazem estágios, e portanto têm esse contacto, normalmente têm que acompanhar o trabalho de uma turma, têm um professor que os ajuda e que... é responsável, digamos assim, com mais experiência, e eles queixam-se, obviamente, porque têm turmas gigantescas, têm alunos muito insubordinados, e com muito pouca disciplina e portanto é muito difícil, é muito difícil, eu reconheço que é mesmo muito difícil, quer dizer.... Apesar de tudo, há situações positivas. Há relativamente pouco tempo, fiz a arguição de uma dissertação de mestrado de um aluno que trabalhou numa escola perto do CCB, e eles tiraram partido do facto da escola ser ali ao pé e fizeram muitas visitas ao CCB, tiraram muito bem partido da situação....o contacto directo com as obras, porque são coisas que levam tempo, porque também não se pode ter a ilusão que de repente os alunos são confrontados com determinadas situações e que as coisas são compreendidas de uma forma natural, não são. Às vezes, às vezes os alunos estão completamente distantes daquelas realidades, a primeira reacção é de riso, é de incompreensão, etc.... mas apesar de tudo , há muito mais acesso ao contacto directo, por exemplo com as obras, apesar de tudo, quer dizer....porque comparando, por exemplo, com a nossa geração, não havia....só havia a Fundação Gulbenkian e não havia mais nada....

Eu – E era para o pessoal cá de Lisboa

Prof – Sim, sim, sim....eu estou a falar cá de Lisboa. Eu tive a sorte...eu não nasci em Lisboa, tive a sorte, por exemplo, de na cidade onde vivia, que era Castelo Branco, haver um museu, o Museu Tavares Proença, que ainda existe, felizmente, com um director absolutamente extraordinário, um grande poeta, o Professor António Salvado. Uma pessoa que foi decisiva na minha formação, eu com doze anos comecei a ver exposições, por causa do António Salvado. Tão simples quanto isso, isso faz a diferença toda. Portanto com doze anos eu comecei a ver exposições no Museu Tavares Proença, eu e a minha geração toda de artistas que viveu em Castelo Branco, o Pedro Portugal, o João Louro, o Miguel Branco...todos nós tivemos pela primeira vez contacto com as obras nessa instituição.

Eu – Então, para concluir, acha mesmo que o tempo de preparação dos alunos no secundário, é essencial, o tempo e a qualidade do tempo, de preparação deles....

Prof – É exactamente isso que eu ia dizer, mais do que o tempo. Acho que há um tempo que é necessário em qualquer área artística, que é o “tempo de preparação para”. Há quase como..., há quase não, existe de facto um espaço de transição que é necessário acautelar. Ninguém começa a fazer ballet sem aquecimento, ninguém começa a tocar piano e ataca uma Sonata magistral de Liszt. Não é assim, tem que haver aquecimento e tem que haver um tempo de transição e nas Artes Plásticas também é assim, e às vezes esquece-se isso. E é normal quando os alunos chegam aqui, mesmo na Universidade, quando chegam à sala, há um tempo.... que eu não

tenho ilusões....os alunos não vêm... e começam a trabalhar de uma forma natural, isso não existe....é preciso criar a disposição para o trabalho. Eu quando chego ao meu atelier também a crio, ponho a música que gosto, ilumino as coisas como eu quero, é necessário isso, às vezes tenho um tempo de leitura.... Esse tempo e esse espaço que é necessário, nas aulas é fundamental. É preciso que se faça a transição entre o espaço do intervalo, das outras aulas, o espaço de reflexão teórica, etc e o espaço do fazer, do lidar com os materiais, do olhar com mais tempo para as coisas. Portanto, esse espaço de transição para mim é fundamental.

Eu – E acha que os alunos..., por exemplo, os alunos que vêm das escolas artísticas, nota alguma diferença? Em relação aos que vêm do Curso Geral de Artes?

Prof – Depende dos professores.... Eu tenho dificuldade em generalizar.... Porque nós temos tido aqui alunos com uma preparação muito sólida, de liceus que não são escolas artísticas, mas que realmente têm uma preparação muito boa. Portanto corro o risco de ser injusto se disser isso. Eu acho que depende, de facto, dos professores, mas às vezes os professores querem mas os grupos não são capazes de dar. O facto de haver um grupo em que se motivam uns aos outros, que puxam uns pelos outros. Isso também acontece aqui. Portanto, porque é que não há-de acontecer no secundário? Acontece, claro que acontece. Às vezes na mesma disciplina....este ano estou a fazer a experiência, numa outra disciplina que lecciono que se chama Expressão Gráfica Criativa, que é uma disciplina específica da licenciatura de Desenho e normalmente vou alterando os exercícios que faço com os alunos. Este ano, como o ano passado um dos exercícios correu muito bem, resolvi repetir... para confrontar resultados. O grupo deste ano é completamente diferente do ano passado e os resultados estão a ser diferentes, não estão a ser tão bons. E..., à partida, até deviam ser melhores, porque eu já testei os exercícios, sei o tempo que é necessário, sei como é que eles responderam, o que funcionou melhor e o que funcionou menos bem. Mas bastava no grupo do ano passado, por exemplo, haver três ou quatro alunos mais velhos, com experiência, que introduziam um nível de exigência e de seriedade no trabalho, de tal modo que levava toda a turma atrás. Quem dá aulas sabe que é assim, não depende só de nós.... E às vezes a pessoa fica muito frustrada, e fica a pensar... isto este ano não está a correr tão bem... mas não é isso, depende de tantos factores, pormenores que alteram tudo, não é? É isso.

Eu – Pronto, eu acho que já não tenho assim mais nada para lhe perguntar. Agora posso dizer-lhe já qual é o objecto do meu estudo. Eu estou mesmo a fazer uma comparação entre o Curso geral de Artes e as Escolas Artísticas. Porque o Curso Geral de Artes neste momento está com cinco tempos da Disciplina de Desenho e depois tem dois tempos de Oficina de Artes, no décimo segundo ano, só, no décimo segundo ano. E eu considero que isso é muito pouco, não é?... e estou a tentar fazer... enquanto que nas escolas artísticas eles têm muito mais horas de trabalho prático, não é?... E estou a tentar fazer uma observação a ver se isso, de alguma forma, muda o sucesso dos alunos, aqui nas Belas Artes.

Prof – Eu tenho alguma dificuldade em ser tão taxativo...

Eu – Não....mas é muito interessante, porque já entrevistei outro seu colega, o Professor Américo e ele foi da mesma opinião...

Prof – Foi?

Eu – Que a diferença não é assim tão real. No entanto, os professores de Escultura e os de Pintura, são radicais.... Os alunos que vêm da António Arroio e da Soares dos Reis do Porto, notam-se diferenças nítidas. Tem a ver com os tempos de Desenho, não é? O Desenho é igual nas outras coisas, o que é que eles têm mais? Experiências com materiais, e capacidade de projecto, não é? Têm.... Fazem projecto.... Fazem....nas outras disciplinas mais....

Prof – Por exemplo, estive a orientar uma aluna que dá aulas numa escola muito conservadora, religiosa, mas eles põem um grande enfoque na formação artística. À partida dir-se-ia que têm uma formação muito restritiva. Depende do que as pessoas fazem com essas coisas, quer dizer, se tiverem uma boa formação e depois forem capazes de dar a volta. Não vou nomear, mas, por exemplo, neste momento, uma das pessoas que eu acho que está a fazer escultura da forma mais interessante, destas gerações mais novas, estudou num colégio Jesuíta. À partida não se diria....e no entanto...

E – QUADRO DE ANÁLISE DE ENTREVISTAS

Identificação	Tomás Maia	Ana Mata	Luisa Perienes	João Castro Silva	Américo Marcelino	Domingos Rego
Disciplina	Pintura	Pintura	Escultura	Escultura	Desenho	Desenho
Tempo lecciona 1º ano	2002	2010	2011	2013	2000	2002
Principais dificuldades que sente na obtenção de sucesso dos seus alunos	Muitos alunos para um professor. Os alunos da AA têm melhor preparação.	Preparação deficiente no ensino secundário. Os alunos da AA vêm melhor preparados.	Vão para escultura porque não entram naquilo que querem	As coisas têm que ser muito rápidas. Não têm à vontade com técnicas nem com materiais	Excesso de alunos. Muito imaturos	Falta de concentração. Exigência de rapidez. Resistência ao tempo de concentração mais alargado.
Qual é o perfil de competências dos alunos que ingressam na sua disciplina	Falta História das Artes. Os alunos da AA pensam que já são artistas.	Alunos da AA mais competências.	AA-mais contacto com materiais.	Muito infantis. Pouca experimentação ao nível do secundário.	Vêm melhor preparados do que há uns anos atrás.	Níveis culturais mais baixos do que há 10 anos atrás.
Nota que os alunos vêm com preparação notoriamente diferente, ou não	Os da AA vêm melhor preparados.	Alunos do secundário com menos experimentação do que os da AA.	AA – mais contacto com materiais. Secundário- alguns nunca mexeram em barro.	AA –pensamento mais estruturado, melhor preparação.	Depende muito dos professores que tiveram. AA – preparação mais conceptual.	Depende das escolas e dos professores.
Pode identificar as dificuldades sentidas pelos alunos que ingressam no ensino superior, nomeadamente na sua disciplina	Falta de preparação. Padronização dos conhecimentos. Falta de prática regular do desenho. Falta de cultura histórico-visual	Falta de preparação. Falta de experimentação	Falta de experimentação com materiais. Falta de cultura visual.	Imaturidade. Falta de experimentação. Falta de cultura visual	Falta de preparação de base. Falta de cultura visual. Não conhecem os clássicos	Falta de cultura. Falta de concentração
Relaciona o sucesso na sua disciplina com o percurso de formação dos alunos	sim	sim	sim	sim	Sim, depende muito do professor que tiveram	sim

F – QUESTIONÁRIO

(não preencher)

N.º DO QUESTIONÁRIO _____

Caracterização do aluno

- 1- Sexo: Feminino Masculino
- 2- Profissão da Mãe: _____
- 3- Profissão do Pai: _____
- 4- Situação na profissão:
- | Mãe: | Pai: |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Conta própria | <input type="checkbox"/> Conta própria |
| <input type="checkbox"/> Tem empregados | <input type="checkbox"/> Tem empregados |
| <input type="checkbox"/> Conta de outrem | <input type="checkbox"/> Conta de outrem |
| <input type="checkbox"/> Desempregada | <input type="checkbox"/> Desempregado |
- 5- Escolaridade da Mãe: _____
- 6- Escolaridade do Pai: _____

Ensino Secundário

- 7- Escola frequentada:
- Escola Artística Ant. Arroio
- Escola Artística Soares dos Reis
- Escola Secundária _____
- Escola Profissional _____
- 8- Localidade: _____
- 9- Curso frequentado: _____
- 10- Tiveste alguma reprovação? **não** **sim** quantas vezes? _____

Percurso na FBAUL

11- Média de Entrada: _____

12- Curso:

Arte Multimédia

Design de Equipamento

Desenho

Escultura

Ciências da Arte e do Património

Pintura

Design de Comunicação

13- És trabalhador – estudante? (assinala sim se trabalhas apesar de não teres o estatuto) **não** **sim**

14- Identifica as 3 principais dificuldades que sentiste na tua adaptação à entrada na Faculdade:

nova cidade

novo tipo de exigências

nova casa

novos colegas

novo ambiente

novos professores

nova escola

outra. Qual? _____

15- Indica quais as classificações obtidas no 1º semestre às seguintes disciplinas, mas somente se faziam parte do teu plano de estudos:

- História da Arte: _____

- Desenho: _____

- Pintura: _____

- Escultura: _____

16- Sentiste que vinhas suficientemente preparado para as disciplinas que assinalaste em cima?

- História da Arte **sim** **não** , porquê? _____

- Desenho **sim** **não** , porquê? _____

- Pintura **sim** **não** , porquê? _____

- Escultura **sim** **não** , porquê? _____

17- Que aspectos achas que poderiam ser melhorados no Secundário, de modo a haver uma melhor preparação?

OBRIGADA PELA TUA COLABORAÇÃO

G – CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA DOS ALUNOS

Quadro Perfil social dos 191 alunos inquiridos

		Total (nº)	(%)
sexo	Feminino	129	67,5
	Masculino	62	32,5
Classe Social do Grupo Doméstico	Empresários, Dirigentes e Profissões Liberais (EDL)	57	29,8
	Profissionais Técnicos de Enquadramento (PTE)	82	42,9
	Trabalhadores Independentes (TI)	2	1,0
	Empregados Executantes (EE)	44	23,2
	Reformados e não respondentes	5	2,6
Escolaridade familiar	Ensino superior	125	65,4
	Ensino secundário	43	22,5
	Ensino básico (3º ciclo)	17	8,9
	Ensino básico (1º/2º ciclos)	6	3,1
Escolaridade da Mãe	Ensino superior	113	59,2
	Ensino secundário	48	25,1
	Ensino básico (3º ciclo)	21	11,0
	Ensino básico (1º/2º ciclos)	9	4,7
Escolaridade do Pai	Ensino superior	90	47,1
	Ensino secundário	42	22,0
	Ensino básico (3º ciclo)	33	17,3
	Ensino básico (1º/2º ciclos)	22	11,5
	Não responde	4	2,1
Localidade de Proveniência	Grande Lisboa	102	53,4
	Outras Localidades	89	46,6

H – FORMAÇÃO PRECEDENTE E SITUAÇÃO ATUAL DOS ALUNOS INQUIRIDOS

Quadro Perfil escolar dos 191 alunos inquiridos

		Total (nº)	(%)
Escola frequentada no Secundário	Esc. Art. Ant. Arroio	21	11,0
	Esc. Art. S. dos Reis	1	0,5
	Escola Secundária	168	88,0
	Escola Profissional	1	0,5
Curso no Secundário	CCHAV	148	77,5
	EAEAV	21	11,0
	Outras Formações	22	11,5
Reprovações na Formação Precedente	Sem reprovações	167	87,4
	1 Reprovação	18	9,4
	2 Reprovações	6	3,1
Média de Entrada no Ensino Superior	10 – 12,4	1	0,5
	12,5 – 14,4	14	7,3
	14,5 – 17,4	98	51,3
	17,5 - 20	70	36,6
	Não responde	8	4,2
Trabalhador Estudante	Sim	24	12,6
	Não	166	86,9
	Não responde	1	0,5
Curso que Frequentam na FBAUL	Arte Multimédia	27	14,1
	CAP	23	12,0
	Escultura	35	18,3
	Desenho	28	14,7
	Design de Comunicação	29	15,2
	Design de Equipamento	19	9,9
	Pintura	28	14,7
	Estudos Gerais (FLUL)	2	1,0
Dificuldades de adaptação	Sim	176	92,1
	Não	10	5,2
	Não responde	5	2,6
Dificuldades sentidas	Nova cidade	47	24,6
	Nova casa	27	14,1

	Novo ambiente	63	33,0
	Nova escola	33	17,3
	Novos métodos de ensino	90	47,1
	Novo tipo de exigências	103	53,9
	Novos colegas	35	18,3
	Novos professores	50	26,2
	Motivos pessoais	4	2,1
	Maior autonomia	3	1,6
	Excesso de trabalho e de liberdade de escolha	2	1,0
	Economia independente	2	1,0
	Novas disciplinas	2	1,0
	Deslocações	2	1,0
	Trabalhador estudante	1	0,5
	Não responde	4	2,1
Classif. 1º semestre	10 – 12,4	19	9,9
	12,5 – 14,4	22	11,5
História da Arte	14,5 – 17,4	88	46,1
	17,5 - 20	25	13,1
Classif. 1º semestre	10 – 12,4	4	2,1
	12,5 – 14,4	55	28,8
Desenho	14,5 – 17,4	120	62,8
	17,5 - 20	10	5,2
Classif. 1º semestre	10 – 12,4	0	0,0
	12,5 – 14,4	1	0,5
Pintura	14,5 – 17,4	5	2,6
	17,5 - 20	2	1,0
Classif. 1º semestre	10 – 12,4	6	3,1
	12,5 – 14,4	7	3,7
Escultura	14,5 – 17,4	20	10,5
	17,5 - 20	0	0,0
Preparação H. da Arte	Sim	94	49,2
	Não	71	37,2
Preparação Desenho	Sim	137	71,7
	Não	54	28,3
Preparação	Sim	3	1,6

Pintura	Não	6	3,1
Preparação	Sim	15	7,9
Escultura	Não	20	10,5
Não	Não foi opção no secundário	53	27,7
preparação	Poucas bases do secundário	3	1,6
HÁ Porquê?			
Não	Poucas bases do secundário	14	7,3
preparação	Método diferente	6	3,1
Desenho	Não tive a disciplina	10	5,2
Porquê?	Intervalo de tempo sem praticar	2	1,0
	Incompetência do docente do secundário	4	2,1
Não	Falta de bases técnicas	4	2,1
preparação			
Pintura			
Porquê?			
Não	Nunca ter trabalhado na área	11	5,8
preparação	Não tive a disciplina	3	1,6
Escultura	Não gostei da disciplina	1	0,5
Porquê?	Incompetência do docente do secundário	1	0,5